



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Artes

Monique das Neves Silva

**Técnicas de sobrevivência:  
práticas de arte colaborativa em agroecologia**

Rio de Janeiro  
2021

Monique das Neves Silva

**Técnicas de sobrevivência:  
práticas de arte colaborativa em agroecologia**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientadora: Isabela Nascimento Frade

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586 Silva, Monique das Neves.  
Técnicas de sobrevivência: práticas de arte colaborativa em agroecologia / Monique das Neves Silva. – 2021.  
172 f.: il.

Orientadora: Isabela Nascimento Frade.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Ecologia agrícola - Teses. 2. Arte – Brasil – Séc. XXI - Teses.  
3. Universidades e faculdades - Teses. 4. Jardinagem - Teses. I.  
Frade, Isabela Nascimento. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 7:631.95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Monique das Neves Silva

**Técnicas de sobrevivência:  
práticas de arte colaborativa em agroecologia**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 18 de novembro de 2021.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Isabela Nascimento Frade (Orientadora)  
Instituto de Artes – UERJ

---

Prof. Dr. Rafael Ângelo Fortunato  
Instituto de Artes - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cláudia Petry  
Universidade Passo Fundo

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Eloiza Gurgel Pires  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Rio de Janeiro

2021

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todos que acreditam na humanidade com amor e fraternidade. Aos trabalhadores braçais da terra. Aqueles que amam e cuidam generosamente da mãe Gaia, da Pachamama.

Aos sonhadores que esperam fazer a diferença em um mundo onde haja equilíbrio econômico e a arte possa contribuir para esse estado, fazendo parte da vida coletiva.

Dedico a todas as plantas que nascem no nosso quintal, pois são às que precisamos ter por algum motivo.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente aos meus ancestrais, que trago tão vivamente em minha matéria, mente e espírito. Tataravós, bisavós, avós e mães e pais. Todos com uma riqueza cultural tamanha que preenche meu ser. Principalmente e afetuosamente aos meus saudosos pais a quem devo toda gratidão por estar hoje aqui, me guiando e protegendo em ancestralidade, a quem devo toda gratidão pela minha educação e estudos.

Agradeço a todos que participaram de alguma forma neste trabalho. Aos funcionários da UERJ (jardinagem, limpeza, prefeitura e servidores), alunos, professores e amigos que participaram de todo esse processo de construção experimental coletivamente.

À minha orientadora Isabela Frade pela generosidade e apoio, participou de todo o processo do projeto, defendendo os espaços em reuniões juntamente com a Prefeitura da UERJ, que também sempre esteve disposta a ajudar no que fosse preciso para o desenvolvimento do projeto.

Agradeço ao Renato Lucio Martins, que esteve comigo durante a jornada do grupo Manga Rosa UERJ, agregando muito conhecimento e afetos relacionados aos espaços acadêmicos e ao aprendizado de todos envolvidos, ainda temos um dever com o espírito do grupo.

Aos professores Jorge Menna Barreto e Claudia Petry pelas contribuições na minha qualificação.

Aos professores que compõem minha banca de defesa, além de minha orientadora Isabela, a professora Cláudia Petry, o professor Rafael Fortunato e a professora Eloiza Gurgel.

À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao meu filho Artur das Neves Silva Assaife que completou 9 anos agora em 29 de junho de 2021, e que diversas vezes participou de tudo, inclusive na construção deste projeto, participando de mutirões e contribuindo para o texto.

Ao pai do meu filho e meu companheiro André Costa Assaife que me ajudou nessa jornada trazendo um caminho muito mais leve por dividir comigo as tarefas

domésticas e me indicando a hora de parar para alongar, respirar e me alimentar enquanto escrevia.

A mãe terra que nos acolhe sempre.

A mãe natureza que é em suma a base da existência, sem a qual nada seria possível.

Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se  
transforma.  
*Antoine Lavoisier.*

## RESUMO

SILVA, Monique das Neves. **Técnicas de sobrevivência**: práticas de arte colaborativa em agroecologia. 2021. 172 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Esta pesquisa objetivou discutir as práticas de agroecologia no ambiente acadêmico de forma artística e experimental exploradas no coletivo. Uma ocupação dentro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que deu origem a um grupo multidisciplinar em prol de uma potencialidade de resistência política e sobrevivência contra a fome. Fronteiras entre espaço urbano e rural, destacando a afirmação do caráter coletivo e colaborativo, onde o processo de caráter experimental questiona vertentes do circuito artístico, cultural e político. Com potencialidade de performance, representando práticas de um cotidiano rural em um centro urbano, mais especificamente dentro da universidade, com expansão para parques, praças, terrenos baldios e canteiros públicos, realizada em associação da resolução de um problema. Atores com o mesmo gesto em comum, plantar, colher, alimentar, harmonizar com a natureza. Primeiramente pensando em uma alimentação de qualidade, onde o próprio cultivador reconhece o que ali colhe e vê que é bom! Segundo a pesquisa foi utilizada a metodologia de pesquisa-ação de forma investigativa, baseada numa reflexão coletiva empreendida pelos participantes do grupo, de maneira a melhorar os espaços trabalhados. A ação coletiva entre pesquisadores e pesquisados com a fundamentação de aprimorar a prática da pesquisa aqui investigada. Contando com memórias afetivas, fotográficas, videográficas, escritas de dois cadernos de artista (onde todo movimento feito era anotado, anotações de diversas mãos, como uma ata séria, desenhos, descrições de encontros, listas), esta pesquisa se embasa em processos desenvolvidos pelo grupo de agroecologia Manga Rosa UERJ. Tendo como resultado valorização de vínculos, criando pontes e redes com um processo de plantio, gerando interações relacionais vistas como trabalho braçal passam a ser vistas com olhos artísticos.

Palavras-chave: Ocupação. Agroecologia. Arte colaborativa. Universidade.

Jardinagem.

## ABSTRACT

SILVA, Monique das Neves. **Survival techniques:** collaborative art practices in agroecology. 2021. 172 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021

This research aims to discuss the practices of agroecology in the academic environment artistically and experimentally explored collectively. An occupation within the Universidade do Estado do Rio de Janeiro that gave rise to a multidisciplinary group in favor of potential for political resistance and survival against hunger. Borders between urban and rural space, highlighting the assertion of the collective and collaborative character, where the experimental process questions aspects of the artistic, cultural and political circuit. With performance potential, representing practices of rural daily life in an urban center, more specifically within the university, with expansion to parks, squares, vacant lots, and public flowerbeds, carried out in association with the resolution of a problem. Actors with the same gesture in common, planting, harvesting, feeding, harmonizing with nature. First, think about quality food, where the grower recognizes what he harvests there and sees that it is good! According to the research, the research-action methodology was used in an investigative way, based on a collective reflection undertaken by the group participants, to improve the spaces worked. Collective action between researchers and researched with the foundation to improve the practice of the research investigated here. Relying on effective, photographic, video memories, writings from two artist notebooks (where every movement made was noted, notes from different hands, such as a serious record, drawings, descriptions of meetings, lists), this research is based on processes developed by Manga Rosa UERJ agroecology group. As a result, valuing bonds, creating bridges and networks with a planting process, generating relational interactions seen as manual labor, come to be seen with artistic eyes.

Keywords: Occupation. Agroecology. Collaborative art. University. Gardening.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| Figura 1- cartaz da ocupação 2016.....  | 16 |
| Figura 2 - placas de identificação feitas de madeiras recicladas. 2016.....   | 21 |
| Figura 3 - ocupação da UERJ pelos alunos - 2015.....  | 26 |
| Figura 4 - cartazes produzidos pelos alunos na ocupação da UERJ em 2015.....  | 26 |
| Figura 5 - post no grupo Manga Rosa Uerj no Twitter, demonstrando a indignação dos participantes do grupo ao encontrar um dos espaços cheio de lixo e em desordem. ....   | 27 |
| Figura 6 - lixo na entrada do ateliê que ficava acumulado embaixo da escada em frente ao canteiro de artes. 2016.....   | 28 |
| Figura 7 - Rirkrit Tiravanija, Thai Food. 1992. ....  | 29 |
| Figura 8 - Canteiro da entrada do Ateliê do Instituto de Artes da UERJ, onde tudo começou.....  | 30 |
| Figura 9 - arquivo de pesquisa do Manga Rosa UERJ. ....   | 31 |
| Figura 10 – organograma.....  | 32 |
| Figura 11 - primeira reunião com a utilização do caderno ata do grupo, implantado por Monique das Neves Silva. 2016.....  | 33 |
| Figura 12 - caderno ata número 2 e jornal catálogo Formação 2016 com trabalho Manga Rosa UERJ. 2016.....  | 34 |
| Figura 13 - caderno ata sendo utilizado por um dos alunos, catalogando em desenho às interações do mutirão. 2018. ....  | 35 |
| Figura 14 - alunos em um dos mutirões realizados no canteiro do Ateliê, batizado como Espaço Caramujo. 2017. ....   | 36 |
| Figura 15 - flyer de divulgação do 1º Encontro Nacional de Agricultura Urbana. ....   | 38 |
| Figura 16 - 1º ENAU, Feira Saberes e Sabores em frente a capela Ecumênica da UERJ, stand de Santa Catarina. 2015. ....  | 39 |
| Figura 17 - Oficina do 1º Encontro de Agroecologia Nacional Urbana (ENAU). Voluntários, professores e alunos unidos plantando no canteiro de artes da UERJ. 2015. ....  | 40 |
| Figura 18 - Lista de presença feita por Monique das Neves Silva no primeiro mutirão no canteiro do ateliê para o 1º ENAU, percebe-se os estados de onde vieram os participantes. SP, RN, RJ, DF, RO, GO, PR, 2015. .... | 41 |
| Figura 19 - Quadro com organização do Encontro Regional de Grupos de Agroecologia (ERGA) 2018.....  | 42 |
| Figura 20 - Reunião ERGA 2018 no campus UERJ Maracanã.....  | 43 |
| Figura 21 - COIREM na UERJ Maracanã. Com participação de Guajajara e Monica Lima da Aldeia Maracanã. 2018.....  | 44 |
| Figura 22 - aluno da Escola municipal República Argentina plantando muda de boldo miúdo na garrafa pet. ....  | 45 |
| Figura 23 - alunos da Escola municipal República Argentina no dia da atividade no canteiro de artes da UERJ. ....   | 46 |
| Figura 24 - alunos da Escola Municipal República Argentina no dia da atividade no canteiro de artes da UERJ, plantando sementes na caixa de ovos. ....  | 47 |

|   |    |
|---|----|
| Figura 25 - Flyer digital do grupo com informações de contatos feito por Monique das Neves Silva. 2017. ....  | 48 |
| Figura 26 - Boletim semanal UERJ em Dia, ano XIX, nº 759. ....  | 49 |
| Figura 27 - Boletim semanal UERJ em Dia, ano XX, nº 810. ....   | 50 |
| Figura 28 - Boletim informativo semanal UERJ em dia, ano XXI, nº 957. ....  | 51 |
| Figura 29 - folder da exposição coletiva no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica - 2017. ....  | 52 |
| Figura 30 - alunos mobilizados para as reivindicações do movimento trancaço. ....   | 55 |
| Figura 31 - “trancaço”, alunos trancam às portas da Uerj com cadeados na ocupação da universidade. ....   | 55 |
| Figura 32 - funcionários da limpeza removendo os lixos que ficavam depositados embaixo da escada, na frente do canteiro de artes na entrada do ateliê. 2017. .... | 57 |
| Figura 33 - Canteiro de Artes com decoração do nome “Manga Rosa” e “Arte” feito com pedras portuguesas. 2017. ....  | 59 |
| Figura 34 - tapete Inventania doado pelo professor/artista Jorge Menna Barreto. ....  | 60 |
| Figura 35 - quadro “O Mamoeiro” - Tarsila do Amaral. ....   | 62 |
| Figura 36 - quadro “Abaporu” - Tarsila do Amaral - ....   | 63 |
| Figura 37 - Desenho do mamoeiro com o Abaporu. ....   | 65 |
| Figura 38 - Joseph Beuys plantando carvalho na obra 7000 carvalhos. ....  | 66 |
| Figura 39 - lixo da universidade sem separação ou reciclagem. ....  | 72 |
| Figura 40 - lixo da universidade sem separação ou reciclagem. ....  | 72 |
| Figura 41 - Ocupação do Restaurante Universitário Bruno Alves. ....   | 74 |
| Figura 42 - feira agroecológica na Uerj. ....   | 75 |
| Figura 43 - detalhe do documento da planta paisagística dos jardins da UERJ, nomes e fotos dos projetistas arquitetonicos e paisagistas. ....                     | 77 |
| Figura 44 - planta paisagística da UERJ parte de trás da universidade. 1974. ....   | 77 |
| Figura 45 - planta paisagística da UERJ parte da frente da universidade. 1971. ....   | 78 |
| Figura 46 - Início das obras do campus Maracanã. 1960. ....   | 79 |
| Figura 47 - Revista Manchete, edição especial “O Rio maravilhoso”. Com matéria sobre a UEG (atual UERJ). 1974. ....   | 80 |
| Figura 48 - Bosque da UERJ na década de 80. ....  | 81 |
| Figura 49 - detalhes dos documentos marcados em vermelho dos participantes criadores dos projetos paisagísticos da UEG (atual UERJ). ....                         | 82 |
| Figura 50 - Mapa dos espaços cedidos pela Prefeitura da UERJ para o grupo, com o aval do Prefeito e do engenheiro do Campus. ....                                 | 86 |
| Figura 51 - Obra do artista e professor Alexandre Vogler. Maca Erva Cidreira. Madeira e cidreira ( <i>Melissa officinalis</i> ), 2016. ....                       | 92 |
| Figura 52 - medindo a profundidade do canteiro do ateliê de artes. ....   | 94 |
| Figura 53 - barraca dos coletivos universitários no Festival de Agroecologia Metropolitana AARJ. ....   | 98 |
| Figura 54 - participação no Festival de Agroecologia Metropolitana AARJ, 2019. ....   | 98 |
| Figura 55 - final do mutirão na ESDI UERJ campus Lapa. 2021. ....   | 99 |
| Figura 56 - print da reunião online via google meeting, da rede de agroecologia UFRJ, 2020. ....  | 99 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 57 - mutirão Manga Rosa UERJ no espaço Sumá, canteiros de bananeira. 2019. ....  | 100 |
| Figura 58 - mutirão com a calourada de biologia, 2018. ....   | 100 |
| Figura 59 - oficina “Introdução às PANC”, 2018. ....  | 101 |
| Figura 60 - “Introdução às PANC”, 2018. ....  | 101 |
| Figura 61 - degustação de PANC no ateliê de artes da UERJ após a oficina. 2018. ....  | 102 |
| Figura 62 - print do google fotos do grupo Manga Rosa com frames da oficina de PANC. 2018. ....   | 102 |
| Figura 63 - Cine Debate do filme “Ilha das Flores” no Centro Acadêmico de Biologia - CABIO UERJ, 2017. ....   | 103 |
| Figura 64 - Pedro Cooper no mutirão de pintura do canteiro do ateliê. 2017. ....  | 103 |
| Figura 65 - vivência agroecológica em Santa Rita - Teresópolis. 2017. ....  | 104 |
| Figura 66 - oficina de horta em garrafa pet, 2017. ....   | 104 |
| Figura 67 - coleta de análise de solo no canteiro do ateliê com o professor de biologia Sebastião Neto, 2017. ....  | 105 |
| Figura 68 - grupo de estudos sobre agroecologia com o professor de biologia Sebastião Neto no ateliê de artes, 2017. ....                                   | 105 |
| Figura 69 - mutirão no espaço do pomar, 2017. ....  | 106 |
| Figura 70 - barraca do grupo Manga Rosa no UERJ na Praça Maracanã, 2017. ...  | 106 |
| Figura 71 - caixotes coletados na feira para o mutirão da espiral no antigo espaço Caramujo. ....   | 107 |
| Figura 72 - mutirão no espaço caramujo para criação de uma espiral com madeira de caixotes de feira reaproveitados. ....                                    | 108 |
| Figura 73 - print do stories do Instagram do @horta_vinil (UFRJ) com o espiral (2020), inspirado no projeto feito no mutirão de artes da UERJ em 2018. .... | 109 |
| Figura 74 - espiral feito de pedras pelos funcionários da jardinagem da UERJ no canteiro Antropofágico, antigo espaço Caramujo, nos dias atuais. 2021. .... | 109 |
| Figura 75 - ovos de caramujo achados na terra do canteiro da UERJ, 2016. ....   | 110 |
| Figura 76 - Caramujo. 2016. ....  | 111 |
| Figura 77 - peregum com os caramujos. 2016. ....  | 112 |
| Figura 78 - performance da cavucação, no canteiro de artes do ateliê. 2015. ....  | 113 |
| Figura 79 - professor do Distrito Federal Igor Avelino no canteiro de artes com seus alunos no 1º Encontro de Agroecologia Nacional Urbana (ENAU) 2015 .... | 114 |
| Figura 80 - Moringas do projeto Mango prontas. ....   | 125 |
| Figura 81 - bandeja com mais de 500 caramujos catados no canteiro de artes. 2017. ....  | 127 |
| Figura 82 - parede do ateliê com os tijolos vermelhos. 2015 ....  | 129 |
| Figura 83 - parede do ateliê com parte dos tijolos vermelhos faltando. 2016. ....   | 129 |
| Figura 84 - Parede pintada sem os tijolos. 2020. ....   | 130 |
| Figura 85 - pesquisa, perguntas e desenho feito por Monique das Neves Silva. 2016. ....   | 132 |
| Figura 86 - Ingrid, aluna do Instituto de Arte pintando de branco a mureta do canteiro no mutirão de pintura. Maio de 2017. ....                            | 134 |

|  |     |
|--|-----|
| Figura 87 - placas feitas pelo IUS com as frases dos participantes da pesquisa. 2018. ....                       | 135 |
| Figura 88 - folha de mamoeiro coletada na UERJ, 2020.....  | 140 |
| Figura 89 - beldroega coletada na UERJ. ....   | 141 |
| Figura 90 - ora-pro-nobis coletada na UERJ.....  | 142 |
| Figura 91 - Boldo coletado na UERJ, 2020.....  | 143 |
| Figura 92 - aluno do mutirão utilizando a luva como item de segurança. 2017.....                                 | 146 |
| Figura 93.....   | 148 |
| Figura 94 - Trabalho de Laboratório II, árvores penduradas com linha de nylon no bosque da UERJ. 2015. ....      | 150 |
| Figura 95 - árvores do bosque que serviram para o trabalho do Laboratório II, foram retiradas em 2020. ....      | 150 |
| Figura 96 - Trabalho de Laboratório II, sinestesia, onde os alunos cobriam seus olhos com fita crepe. 2015. .... | 151 |
| Figura 97 - sabão em barra nas formas de caixa de leite da oficina de sabão experimental, 2019.....              | 154 |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO .....   | 15  |
| 1 <b>INSTALAÇÕES DE VIDA</b> .....   | 24  |
| 1.1 <b>A brotação do grupo de Agroecologia Manga Rosa UERJ</b> .....                       | 25  |
| 1.2 <b>Princípio da conservação de massas</b> .....  | 53  |
| 1.3 <b>Apropriação e Ocupação</b> .....  | 54  |
| 1.4 <b>Antropofagia e Mimese: uma breve e longa história</b> .....                         | 61  |
| 1.5 <b>Experiência Natural como objeto artístico</b> .....                                 | 65  |
| 1.6 <b>Arte Relacional como via estético-política</b> .....                                | 67  |
| 1.7 <b>A Colaboração nas Relações Estéticas</b> .....                                      | 68  |
| 2 <b>O MOVIMENTO VERDE</b> .....   | 71  |
| 2.1 <b>A universidade erguida como projeto moderno</b> .....                               | 75  |
| 2.2 <b>História dos jardins da UERJ</b> .....  | 79  |
| 2.3 <b>Adaptação</b> .....   | 83  |
| 2.4 <b>Processos Agroecológicos</b> .....  | 84  |
| 2.5 <b>Agrotóxicos ou Defensivos</b> .....   | 89  |
| 2.6 <b>A prática agroecológica na UERJ e seus movimentos ativadores</b> .....              | 91  |
| 2.6.1 <b>Práticas agroecológicas e espacialidade</b> .....                                 | 93  |
| 2.7 <b>Contexto da pesquisa como performance</b> .....                                     | 109 |
| 3 <b>ODORÍFERAS, TEXTURAS E MEMÓRIAS</b> .....   | 116 |
| 3.1 <b>Experimentação antropofágica e imaginário primitivista</b> .....                    | 118 |
| 3.2 <b>Ancestralidade e problemas recorrentes</b> .....                                    | 119 |
| 3.2.1 <b>Ancestralidade em diálogo com o uso produtivo do jardim</b> .....                 | 121 |
| 3.3 <b>O canteiro antropofágico e experimentações de irrigação</b> .....                   | 122 |
| 3.3.1 <b>Poéticas Agroecológicas: instalação, intervenção e performance</b> .....          | 125 |
| 3.5 <b>O Ambiente Urbano e verde da Universidade aliado ao mercado agroecológico</b> ..... | 128 |
| 3.6 <b>A Síntese do desejo dos participantes no cultivo de bons hábitos</b> .....          | 131 |
| 3.6.1 <b>Odoríferas, texturas e memórias</b> .....   | 135 |
| 3.7 <b>Efêmero e o Perene nas dimensões artísticas e naturais</b> .....                    | 138 |
| 3.7.1 <b>Ocupação como performance</b> .....   | 143 |
| 3.7.2 <b>O manejo da terra como performance</b> .....                                      | 145 |

|  |     |
|--|-----|
| 3.7.3 A troca de culturas e sua performance .....                              | 146 |
| 3.8 <b>Métodos sobre os quais nada sei e experimentos de auto questionação</b> | 153 |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | 156 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 166 |

## INTRODUÇÃO

Esse estudo é relevante para a arte em seu diálogo com a constituição de uma prática artística aliada às práticas da escrita, dos registros acadêmicos e suas laudas, assim como também práticas de laboratórios da fitologia e da agroecologia, tendo, ainda, como aliadas as formas de produção de alimento mais primárias, com foco nas relações de amizade, nas possíveis formas de resistência ao grande mercado. Estabelece um vínculo com a natureza como objeto artístico e, na prática de conhecimento e pesquisas-ações (especialmente com a temática envolvendo educação), a proposta de produção e pesquisa no âmbito da linha “Arte, Pensamento e Performatividade” do programa de pós-graduação em arte e cultura contemporânea da UERJ.

Esta pesquisa desenvolveu uma produção voltada também à elaboração de documentos que servem de memória às trajetórias do grupo Manga Rosa - marcando as ações de todos os envolvidos - estando aberto às suas interferências quanto às propostas já até aqui traçadas. Ou seja, afirma-se a sua condição precípua de obra aberta e colaborativa no sentido de um trabalho feito em comum onde o grupo de pessoas trabalharam juntas para conseguir um objetivo comum compartilhando ideias.

Como artistas, temos a tarefa de mediar e traduzir mundos, provocando compreensões reflexivas através de nossas ações (GANZ, 2008). Nessa proposta, conhecemos outras possibilidades, aumentando a bagagem de interpretações com a potência da experiência estética que se dá em situações cotidianas.

Explicamos o contexto dessa pesquisa configurando uma tríade de arte contemporânea, ciência e natureza; pensando performatividade e movimentos em espaços públicos; gerando ambientes e produtos relacionais envolvendo o público acadêmico; utilizando espaços ociosos dos jardins da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Campus Maracanã; lugares de ocupação estudantil; convívio e plantações; integrando o sujeito acadêmico e implementando campo de trocas de conhecimentos e práticas. Esta pesquisa se deu na Universidade do Estado do Rio

de Janeiro (UERJ), campus Francisco Negrão de Lima, endereçado à Rua São Francisco Xavier, 524, no bairro do Maracanã, Rio de Janeiro. Ensaçando também uma reorganização desses espaços, tendo em consideração a sua utilidade para com a universidade, referenciando o restaurante universitário, reciclagem e compostagem que engloba conhecimentos ancestrais e atuais.

Neste estudo, tivemos momentos e ciclos peculiares. O começo, desenvolvido como um processo de cuidado pessoal com o espaço público visitado, passou a um aglomerado de pessoas que pensavam igualmente em relação a esses cuidados e espaços. Grupo, este, formado por alunos a princípio, que empaticamente se uniram para “cuidar” destes espaços dentro da universidade onde naquele momento estava sucateada, sem verba e sem funcionários ativos.

Figura 1- cartaz da ocupação 2016.

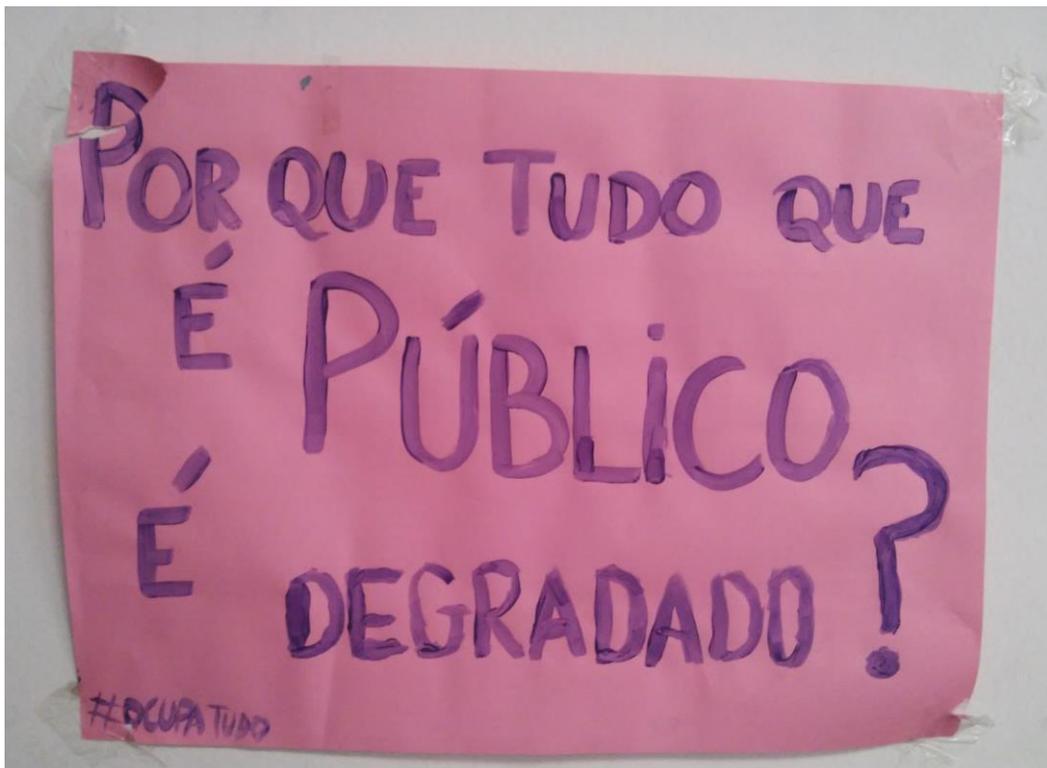


Foto: Monique das Neves Silva

Revertemos os acontecimentos em movimentos para além do cuidado com espaços de convivência, resultando na sedimentação de determinado número de

atos entrelaçados. Há, por todo o coletivo, uma afirmação do protagonismo da arte como parte fundante desse processo.

No decorrer do processo, a relação entre descaso, desuso, práticas culturais e sociais foi se confirmando, demandando a introdução de questões socioculturais no campo de estudo (GOLDENBERG, 2003), mostrando por que o processo de pesquisa deve se imbuir de caráter artístico.

Essa liberdade de manutenção dos espaços dentro da Universidade que nos foi permitido pela prefeitura local nos levou a novos momentos do grupo, onde muitos que o constituíam deixaram experiências ricas e abriram brechas para outras pessoas trazerem frescor e novas ideias ao longo do tempo. Com o grupo estabilizado em ideias e processos, novos projetos foram surgindo e, assim, a institucionalização do projeto central ocorreu com a participação de docentes da universidade que desenvolveram alguns projetos de extensão: como vivências em áreas rurais pelo instituto de Geografia UERJ; a feira agroecológica juntamente com o instituto de Nutrição da UERJ; universidade indígena Aldeia Maracanã e o projeto de construção de uma oca no campus, saberes ancestrais da terra. A ideia foi crescendo de tamanho e proporção. Nos dias de hoje, já contamos com exposição em galeria de arte no Centro Cultural Hélio Oiticica com um filme de 27 minutos intitulado Manga Rosa UERJ; artigos científicos e trabalhos acadêmicos publicados, além de estudos em desenvolvimento: Agro Experimentais Educativos #1: O projeto jardim antropofágico (FRADE, SILVA, 2020); Do Jardim como Arte Pública - Encontros Agroecológicos em Paisagismo Moderno (FRADE, SILVA, 2020); Jardim como Laboratório: O paisagismo Moderno de Fernando Chacel vivido como lugar público na Universidade (FRADE, SILVA, 2020), Métodos sobre os quais nada sei e experimentos de auto questionação (SILVA, 2019).

Esta pesquisa não se limitou apenas a uma forma de ação pessoal, mas também observou toda a atividade intencional do grupo, pretendendo reunir os conhecimentos dos pesquisadores, das pessoas e dos grupos considerados. Ainda que restritas por algumas dificuldades e precariedades encontradas, muitas vezes essas intervenções no campus foram além do programa projetado, estendendo-se por muitas modalidades imprevistas, mostrando sua condição de desenvolvimento de obra profícua.

Uma arte colaborativa que, como afirma Kinceler (2008), é a necessidade da busca de outro tipo de arte livre de regras de beleza e de outros ditames de estética convencional, propondo a arte como acontecimentos que produzem sentidos na convivência.

Relacionando tudo isso com o problema da fome em nossa cidade e observando o Restaurante Universitário (RU) do campus UERJ Maracanã e os espaços tão férteis como laboratório sustentável dentro da universidade, verificou-se que, além dos experimentos de plantios que revisitamos, eles trazem aspectos imaginários e de nativismo ancestral, antropofágico, artístico, estético e sustentável que, talvez, possam responder à problemática de macrocosmo com experimentos no microcosmo dos espaços ocupados dentro da universidade, com um olhar comum entre universidades públicas e particulares em comum acordo agroecológico e de uma alimentação saudável.

Caracterizado como arte colaborativa, centrada em artistas e não artistas, estes como pessoas de ação, que protagonizam ou secundarizam, que produzem! Este projeto também ressaltou uma especificidade própria de criação com identidade artística, procedimentos colaborativos em uma poética imaginada como utopia de uma solução espontânea (natural) para diversos problemas: apropriação, ocupação e manutenção de espaços para benefício dos grupos que o desenvolvem.

Alguns dos principais aspectos da estratégia usada explicitam grande interação entre pesquisadores e pessoas que se vincularam na ação investigativa em um experimento interdisciplinar como este, que unifica diversos pensamentos incorporados em distintos setores acadêmicos, integrados em um só movimento. Uma reflexão poética a respeito de como os indivíduos interagem no espaço público: às vezes vividos como espaços próprios e às vezes espaços compartilhados. Todas essas investigações, “que parecem não levar a lugar nenhum”, nos ensinam a especular movimentos futuros como parte de um corpo que se constrói pouco a pouco no curso de manifestações recíprocas. Influências mútuas abordando pontos de confluência de ideias complexas, conceitos, noções e imagens em abrangência.

Em sua forma complexa, esta proposta/projeto artístico proporcionou a possibilidade de produzir criativamente espaços capazes de provocar novas formas

de representação das vivências nos ambientes acadêmicos. Encontra-se afinidade com o pensamento de Kinceler (2008), onde transbordando limites e invadindo culturas amplamente se afirmando também como ato político onde o sujeito postula a necessidade de repensar relações consigo mesmo, com o outro e com o meio ambiente.

A relação entre o conhecimento e a ação traz a estrutura do “conhecer” para o “agir”, em uma pesquisa-ação conjugada a outras técnicas investigativas, sendo então direcionada como uma metodologia de pesquisa-ação como instrumento de análise e avaliação na prática dessas interações (THIOLLENT, 1996) em viés colaborativo por relacionamento multidirecionado, de prazo relativamente longo (2015 até os dias de hoje). Segundo Tim May (2001) em Pesquisa social: Questões, métodos e processos; uma associação humana em sua situação espontânea ou planejada, com propósito de desenvolver o entendimento interno e externo daquele grupo dentro do espaço acadêmico. A metodologia desta investigação é constituída pela integração de diferentes áreas do conhecimento. Valorizando a subjetividade tanto da pesquisadora como dos participantes.

Como aparato para uma aprendizagem autônoma e colaborativa, guiando os participantes em um papel fundamental que confronta o seu pensamento crítico, onde destacadas características culturais se identificam como membros de uma coletividade, encaminhando para o sentimento de pertencimento local e sustentabilidade, esses indivíduos se tornam atores deste estudo.

Defendendo a ideia de que todos deveriam compreender sobre a função social do autocuidado, não só consigo mesmo, mas também com seus espaços de convívios, nos dedicamos a essas formas de expressões plásticas visando a uma pequena revolução cultural no microcosmo do campus, onde os resultados gerados podem beneficiar as pessoas e os lugares ocupados. Percebe-se identificações onde Rosalind Krauss (2012) cria um trabalho sobre terreno natural, observando trabalhos de afinidade com a terra.

Os atores da universidade promoveram a vivência da arte no ambiente livre do campus, criando aparatos utilizando o meio ambiente, esses espaços com seus recursos naturais para realização de uma obra na fusão da arte com a natureza. O

suporte artístico afirma a efemeridade da arte onde se desgasta com o tempo. Enfrentamos problemas como chuva, vento, erosão, acidente de obras no local, pisoteamento nos espaços. Esse é um aspecto que faz pensar a respeito sobre o uso do que é público.

Experimentos com os recursos da própria universidade como folhas, galhos, pedras, e após fotografados, esses materiais são desgastados e reabsorvidos em seu lugar de origem. Onde o conceito sempre será mais importante do que a aparência ou perfeição da obra em matéria da arte, onde a execução do trabalho era destinada a outras pessoas trabalhando com a ideia de apropriação dos espaços naturais, em períodos que defendiam a preservação da natureza, dos ecossistemas e valorizavam a conscientização. Rompendo valores tradicionais que limitam obras de arte apenas a museus, trazendo novas experiências aos participantes e aos passantes/observadores.

A fusão da arte com a natureza utilizando espaços e elementos como parte do processo criativo, traz características de integração, utilização de recursos naturais e rompimento com os espaços tradicionais. Alguns observadores se tornaram participantes da obra integrando os experimentos dentro dos canteiros de plantações, redesenhando plantas, pedras, folhas e cenários.

Os participantes se envolviam na reciclagem de objetos catados da lixeira central da universidade, utilizados para sinalização de plantas, nomes de espaços, reutilização de pallets, garrafas pet, caixas de leite e afins, os transformando em obras de artes "rústicas". Às instalações contavam com placas feitas de pallets, caminhos de madeira de caixotes de feira, criticando a sociedade de consumo e os processos industriais, utilizando mais uma vez materiais reaproveitados (sucatas, papel, vegetal, terra, metal, comida, semente, areia, pedra, tecido, etc.) aliados a criatividade e espontaneidade em oficinas e mutirões.

Esta pesquisadora dedicou seu tempo a este projeto por 6 anos e reconhece que o grupo de trabalho construído potencializava a gestão de espaços ociosos da universidade para criar insumos de diversas maneiras e deve seguir testando, produzindo novas experiências que podem servir para transformar a vida

comunitária no campus da UERJ Maracanã, e expandindo para arredores mais próximos.

Figura 2 - placas de identificação feitas de madeiras recicladas. 2016.



Foto: Monique das Neves Silva

Este estudo é relevante em seu diálogo com a constituição de uma prática artística aliada às práticas da escrita, dos registros acadêmicos, estabelecendo o vínculo com a natureza como objeto artístico e na prática de conhecimento, envolvendo a educação artística e ambiental. Visa um aprendizado científico, estético e acadêmico constante.

Como projeto de extensão às oficinas, cine debates, mutirões, aulas e afins tornam o processo extremamente rico de interações, fazendo surgir a necessidade de sua ampliação no mundo acadêmico.

Esta pesquisa foi realizada no interior de uma organização aberta, com a comunidade acadêmica em espaços dentro e fora da UERJ, e pôde desencadear maiores iniciativas. Todas as observações foram anotadas em caderno-ata, devidamente datado, tendo sido detalhado o passo a passo da ação e do espaço em questão e é um dos materiais de reflexão, implicando em um cronograma de desenvolvimento, em uma espécie de memorial de todo o processo em suas fases

iniciais. Todos os integrantes indicaram sua participação com suas assinaturas e devidos contatos para futuras ações.

A ideia central do projeto, reitera-se, foi transformar lugares vazios e estagnados em ambientes comuns à comunidade acadêmica, nos quais se possa transitar e utilizá-los de diversas maneiras: como hortas comunitárias, ambientes para tomar sol, se refrescar, praticar atividades físicas, vivenciar sessões de cinema etc. Um projeto que abre espaço para ideias novas circularem e se concretizarem pela universidade. O intuito não é o de transformar totalmente os ambientes, fazendo-os perder sua característica anterior. Ao contrário, é possibilitar, com a troca comunitária, que sejam, enquanto espaços verdes em pleno meio urbano, locais para um momento de pausa, de respiração, de vivência do ócio e do prazer, em um campus formando uma mistura potente de cidade e natureza e experimentos acadêmicos ricos para toda comunidade.

Espaços esses subdivididos em criação e cultivo de plantas odoríferas em determinado espaço resgatando memórias afetivas e ancestrais; espaços destinados a árvores frutíferas e um sistema agroflorestal urbano (SAF's) para plantas alimentícias utilizadas para nosso deleite alimentar; plantas ornamentais que servem de embelezamento arquitetônico em determinado espaço trazendo respostas visuais de afeto, ternura e acolhimento.

Tópicos importantes da pesquisa: 1) A importância do cuidado com a segurança alimentar. 2) A formação profissional e de pesquisador engajado com as questões sociais. 3) A experiência do coletivo na produção alimentar que poderá contribuir para um futuro sem fome, sem a pior miséria do mundo e todas as consequentes dificuldades, a violência, a disputa e a competitividade extrema. 4) A produção colaborativa, o aprendizado de fazer junto, se organizar comunalmente. 5) O retorno, o ciclo de renovação do projeto.

O presente trabalho de pesquisa foi organizado em três capítulos, além desta introdução e suas considerações finais. No capítulo um, intitulado “**INSTALAÇÕES DE VIDA**”, buscamos esclarecer o problema da pesquisa, elaborado a partir de nossas considerações sobre: princípio da conservação, apropriação e ocupação, antropofagia e mimese, experiências naturais, processos agroecológicos e arte relacional e colaborativa.

O capítulo dois “**O MOVIMENTO DAS PLANTAS**”, é composto, em grande parte, por revisão teórica, a qual objetivou nos ajudar a conhecer e descrever as nuances que envolvem a história dos jardins da UERJ, adaptações e fatores limitantes.

O capítulo três, o qual consideramos pertinente nomear como “**ODORÍFERAS, TEXTURAS E MEMÓRIAS**”, apresentamos ao leitor essa experimentação antropofágica, práticas agroecológicas na UERJ e seus movimentos ativadores, prática agroecológica em pequenos espaços, o ambiente da universidade x espaços verdes, síntese do desejo dos participantes no cultivo de bons hábitos.

No anexo de fotografias ficará mais claro o entendimento de algumas passagens nesses espaços e tempos que ao longo dos anos agregou alunos de graduação, pós graduação, professores, servidores e externos com a intenção de disseminar soluções harmônicas com leves conceitos agroecológicos, artísticos e relacionais possibilitando solução de problemáticas ambientais locais e melhoria da saúde individual e coletiva além de promover a aproximação entre campo e cidade.

## 1 INSTALAÇÕES DE VIDA

Defendemos a ideia de que todos devem compreender a função social e política de cada trabalho. E dedicar-se à criação de diferentes espaços que ampliem formas e expressões transitórias, visando a uma pequena revolução cultural no microcosmo do campus, sempre no aprimoramento das relações, pensando em cada ser humano, em sua dinâmica vital e suas necessárias interações.

No âmbito relacional, o artista escuta as necessidades de um território e convida um grupo a participar ativamente na criação de um projeto que esteja de acordo com seus interesses. São necessários diálogos, encontros e reuniões com todos ou a maioria de seus colaboradores para que se relacionem com a finalidade de redesenhar o imaginário coletivo, onde se criam laços durante a realização do projeto, para que possam continuar a se desenvolver em redes de relações colaborativas (BOURRIAUD, 2009).

Pensando nesse contexto, ressaltando o vínculo no que se refere à ética e hábitos saudáveis para a vida em sociedade, aliados a valores de criação coletiva, os funcionários do setor de jardinagem da universidade demonstrando gosto do lugar trabalhado e construído, tanto quanto qualquer participante deveriam ter autonomia sensível com motivação, assim como cita Cláudia Petry (2014), garantindo a permanência da pesquisa atuando com qualidade de vida, elevada autoestima, distinção e orgulho em se sentir parte deste processo que vem sendo construído.

O objeto de arte ou evento neste contexto produz a experiência singular no aqui e agora, ativada pela presença corporal de cada espectador na imediatidade sensorial em extensão espacial e temporal; Miow Kwon (1997) me fez refletir sobre os importantes aspectos que a indivisibilidade entre o trabalho e sua localidade demandando presença física do espectador para seu complemento, faz ligação com esses encontros multidisciplinares, onde cada indivíduo têm uma experiência relativamente única e pessoal, muitas vezes refletindo sua culturalidade e ancestralidade, trazendo um conforto familiar na ação.

Toda uma construção social para compor o campo que envolve a produção artística e suas variadas vertentes, que entram e saem de cena à medida que os “parceiros” vão sendo mobilizados, partindo de reflexões coletivas em diários de campo que atravessam composições textuais, desenhos, colagens, vídeos, fotografias, exposição, contribuindo para a configuração do projeto em natureza e cultura, bem como relacioná-lo a práticas artísticas seminais: funcionavam como sementes abrindo e fechando grupos como ativação do dispositivo.

Joseph Beuys (1997), um artista que, ao começar sua vida acadêmica, ocupou a universidade como forma de protesto e soube fundir a produção artística com a necessidade de agir no âmbito das transformações sociais. Em “Os Sete Mil Carvalhos”, com ajuda de voluntários plantou 7000 árvores de carvalho ao longo de vários anos como intervenção artística, ecológica e política, como missão de efetuar mudanças ambientais e sociais, e aumento da consciência dentro do ambiente urbano, alcance educacional do ecossistema mais amplo com processo contínuo pelo qual a sociedade seria ativada pela vontade criativa. Beuys foi um artista pioneiro no movimento ambientalista e teve participação ativa na política. Formamos uma escultura social que molda o mundo em que vivemos e colaboramos.

### **1.1 A brotação do grupo de Agroecologia Manga Rosa UERJ**

A política de desmonte dos governos nas últimas décadas fortaleceu a precarização na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), estendendo-se por diversos anos. Os “uerjianos” assistiram a repetidas greves e ocupações (UNE, s.d.). O estado do Rio de Janeiro passou por um momento de crise financeira aguda que atingiu o pagamento dos salários dos servidores públicos iniciando um processo de mobilizações e greves para garantir o emprego e o pagamento de salários (FASUBRA, 2017). Também a ausência de recursos de projetos de pesquisas, auxílios e bolsas desde o início de 2015.

Figura 3 - ocupação da UERJ pelos alunos - 2015



Fonte: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/12/16/alunos-da-uerj-mantem-ocupacao-do-campus.htm?foto=1>

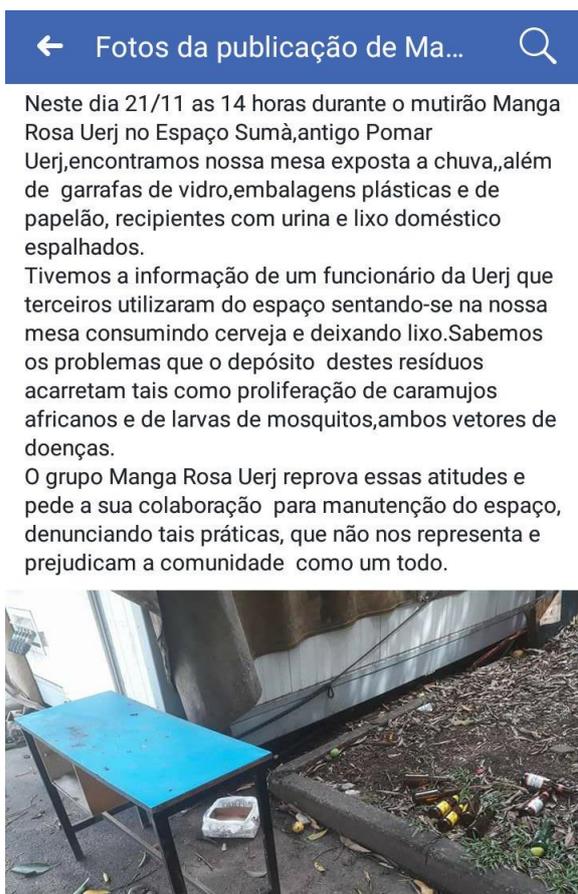
Figura 4 - cartazes produzidos pelos alunos na ocupação da UERJ em 2015



Fonte: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/12/16/alunos-da-uerj-mantem-ocupacao-do-campus.htm?foto=>

Diga-se que o estado de precariedade no qual a universidade se manteve por conta de ataques sucessivos dos governos somou-se à falta de conscientização coletiva que se repetia e era ignorada, especialmente quanto aos espaços verdes dentro do campus da UERJ – mal utilizados, sujos e muitas vezes deteriorados justamente por quem os utilizava, inclusive alunos, externos e funcionários – únicos espaços de real acesso nesses momentos, onde a universidade encontrava-se fechada, por serem abertos e fora do prédio (THUSWOHL, 2017).

Figura 5 - post no grupo Manga Rosa Uerj no Twitter, demonstrando a indignação dos participantes do grupo ao encontrar um dos espaços cheio de lixo e em desordem.



Fonte: [https://twitter.com/mangarosauerj/status/933129767091544066?utm\\_source=fb&utm\\_medium=fb&utm\\_campaign=mangarosauerj&utm\\_content=933129767091544066&fbclid=IwAR2BBPJ8X3GTLcuvpBe6vUmwngqHB-dSFVRcW2DVu3dTUz-sWt1QbOnZECSc](https://twitter.com/mangarosauerj/status/933129767091544066?utm_source=fb&utm_medium=fb&utm_campaign=mangarosauerj&utm_content=933129767091544066&fbclid=IwAR2BBPJ8X3GTLcuvpBe6vUmwngqHB-dSFVRcW2DVu3dTUz-sWt1QbOnZECSc).

A partir da obra de modernização do ateliê que foi feita em 2010, todo o lixo e entulho que era gerado a partir de então, prevalecia em sua fachada e entrada, criando um espaço perfeito para a proliferação de pragas nocivas que são propícias em lugares onde existem rações de animais ou resíduos de refeições em lugares desprotegidos, entulhos e lixo.

Figura 6 - lixo na entrada do ateliê que ficava acumulado embaixo da escada em frente ao canteiro de artes. 2016.



Foto: Monique das Neves Silva

Esta pesquisadora resolveu tomar para si pelo menos a manutenção do espaço que lhe era caro, lugar que frequentou e permanece frequentando. Assim surgiu a principal finalidade da ocupação do canteiro da entrada do ateliê de arte, onde se retirou escombros, lixos e também plantas ornamentais, para implantação de plantas comestíveis e aromáticas, ativando o espaço experimental como laboratório.

Este movimento determinante transformou espaços e pessoas tais quais uma crisálida virando borboleta; de uma pessoa obstinada em um sólido grupo, pelo menos por um bom tempo antes da pandemia.

No início, ninguém se conhecia, a não ser de passagem pelos Centros Acadêmicos (CA). Nos conhecemos, mesmo aleatoriamente, em espaços como os CA, que são os únicos espaços próprios dos alunos para um momento de lazer e respiro. Nesses momentos, onde tudo é falado e todos compactuam com opiniões semelhantes, surgiu a ideia da união. Com pensamentos em comum, resolvemos nos entender e nos organizar como grupo onde todos tinham funções específicas para executar esse momento de colaboração, reflexão e de muito trabalho. Compartilhamos a ideia de reciclagem e alimentação comunitária, autocuidado e cuidado com os ambientes compartilhados. Na arte, vejo a proximidade com o projeto “The Land”, do artista Rirkrit Tiravanija (1998) que busca construir novos espaços de interação chamados de “plataforma” ou “estação” (OBRIST,2006),

lugares de espera, de descanso e “viver bem”, nos quais pessoas distintas convivem em um local de “esperança e mudança” dissociado da ideia moderna de utopia. Tiravanija trabalha com alimentação comunitária em ambientes compartilhados, no seu caso, dentro de galerias e museus. O artista Rirkrit Tiravanija implementou um laboratório em uma propriedade na Tailândia, em que “novos modos de vida” ou de “engajamento social” estariam sendo testados sob monitoramento de uma universidade local.

Figura 7 - Rirkrit Tiravanija, Thai Food. 1992.



Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/147206>

Alunos de diferentes cursos com um mesmo propósito: aprender a cuidar do próximo e de si mesmo, cuidados esses que se estendem ao espaço próprio de convivência como forma de se sentir integrado consigo e com a universidade. Julgávamos que na universidade não se tinha um espaço público para os alunos mexerem na terra, nem de fato um modo de entender a reciclagem de forma prática como em universidades rurais. Surge então a oportunidade de um espaço físico para início, o espaço virtual já vinha sendo construído desde 2012, com encontros em um grupo de estudos de agroecologia no *Facebook*. Espaço esse que foi cedido pela prefeitura do campus em 2015, pelo então prefeito professor Ivair Lopes. Começa a partir daí uma série de descobrimentos, afetos e cuidados onde se descortinam histórias de crises políticas, enfrentamentos de greves, luta de ocupação do restaurante universitário e culturas de grupos distintos, unidas à performance de ações paralelas e conjuntas. No sentido da arte, exercícios poéticos e colaborativos, *site specific* e *land art*.

Assim, por um movimento pessoal engajado na ação coletiva espontânea, alguns desses espaços foram se transformando em lugares de reuniões, debates, e criações práticas, produtivas e dessa iniciativa um grupo foi constituído (formado inicialmente por alunos), o “Grupo de Agroecologia da UERJ”, e, posteriormente, o “Grupo de Agroecologia Manga Rosa UERJ”. O grupo começou a se desenvolver a partir do trabalho em um pequeno canteiro (como já citado o canteiro em frente ao ateliê do Instituto de Artes, cedido ao projeto pelo prefeito), onde seguiu reunindo muitas pessoas além de alunos de diversos cursos, servidores, professores e agregados, consistindo em um projeto de produção de plantas alimentícias, medicinais e olfativas dentro do próprio campus.

Figura 8 - Canteiro da entrada do Ateliê do Instituto de Artes da UERJ, onde tudo começou.



Foto: Monique das Neves Silva. 2015.

Utilizando o aparato urbanístico/paisagístico, ainda que deteriorado pelo descaso e falta de meios, buscamos negociação com diferentes instâncias acadêmicas da UERJ, realizamos várias séries de plantios em mutirões, cine debates, exposições e oficinas de arte e cultura agroecológica, o que resultou em

ampla recepção do público acadêmico e externo. Há, por todo o coletivo, uma afirmação do protagonismo da arte como parte fundante desse processo.

Integrado ao grupo de Agroecologia Manga Rosa UERJ, desenvolvemos um enfrentamento do problema da fome em nossa cidade por meio do uso racional do jardim, experimentos de plantios revisitando o imaginário e o nativismo ancestral antropofágico. Criando, assim, todo um aparato para uma aprendizagem autônoma e colaborativa guiando o participante em um papel fundamental que confronta o seu pensamento crítico, onde destacadas características culturais se identificam como membros de uma coletividade, encaminhando para o sentimento de pertencimento local.

Hoje somos não apenas alunos da UERJ, somamos professores, técnicos administrativos, servidores, terceirizados, comunidade externa e inclusive em co-participação colaborativa com outras universidades públicas do estado e do país, com trabalhos acadêmicos científicos. Formamos uma escultura social que molda o mundo em que vivemos e colaboramos, tendo como reflexão nosso elemento material que é uma atuação expandida social (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Figura 9 - arquivo de pesquisa do Manga Rosa



Da esquerda para a direita Angélica Arruda (Nutrição), Daniela Sousa (Geografia), Hugo Moleiro (Zoologia), Jairo Ferreira (Biologia), Monique das Neves Silva (Artes Visuais), no centro acadêmico de Geografia, segurando a placa recém feita para adicionar em um dos espaços. 2017. Foto: arquivo de pesquisa do Manga Rosa UERJ.

Figura 10 – organograma.



Fonte: o autor, 2021.

O conceito de rizoma exemplifica muito mais do que uma mera estrutura vegetativa, um tipo de raiz que é um caule que cresce horizontalmente de baixo da superfície do solo, lá ela se conecta por meio de raízes e brotos que surgem dos seus nódulos com outros rizomas que se chamam raízes, crescendo em infinitas direções, sempre se conectando com novas raízes. Assim se criou, cresceu e fortaleceu o grupo de agroecologia na UERJ, diversificado de participantes em união

até um ano antes da pandemia mundial de COVID-19 que trouxe além da paralisação um afastamento devido a longa quarentena.

No ano de 2016 a proposição de um caderno para anotação dos encontros com descrição detalhada dos movimentos feitos foi adicionado ao grupo e desde então além das fotos para a documentação constatamos de assinaturas, endereços eletrônicos para posterior contato e ação de cada membro efetuada no dia para um controle do que foi plantado, onde, quando, o que foi colhido, onde e quando, de qual formato e desenho do espaço, das demandas novas que vão surgindo e das que já foram realizadas além do calor humano de cada um escrever com sua própria mão o que fez trazendo uma memória afetiva de um dia simbólico em coletivo pessoal.

Figura 11 - primeira reunião com a utilização do caderno ata do grupo, implantado por Monique das Neves Silva. 2016



Foto: Artur das Neves Silva Assaife

Figura 12 - caderno ata número 2 e jornal catálogo Formação 2016 com trabalho Manga Rosa UERJ. 2016.



Foto: Monique das Neves Silva



disposição dos objetos ou pessoas numa obra de arte, do italiano *gruppo*, “amontoadado, nó”, do antigo Germânico *kruppaz*, “massa arredondada, inchaço”. Quando as pessoas se agregam, elas passam a ter algum tipo de vantagem associativa, alguma proteção. Do latim *associare*, “juntar, agrupar”, formada por *ad*, “a”, mais *socius*, “companheiro, camarada”, derivado de *sequi*, “seguir”. Tem as mesmas origens as palavras sociedade, socializar, socialismo, sociável, social. Comunidade vem do latim *communis*, “gera, relativo a todos, coletivo, comum”. Comum como normatizador, comum que une pessoas diferentes. Agregar, de *ad*, “junto” e *grex*, “colocar junto com os outros, somar, acrescentar”. *Publicness*, sentido do público, pensando o comum ao invés de pensar o coletivo. Comum como vontade construtiva. Pensar de maneira qualitativa a partir da vontade em comum.

Figura 14 - alunos em um dos mutirões realizados no canteiro do Ateliê, batizado como Espaço Caramujo. 2017.



Foto: arquivo de pesquisa Manga Rosa UERJ.

Este projeto foi desenvolvido dentro de espaços na Universidade do Estado do Rio de Janeiro a partir do ano de 2015, para transformação do que antes era inóspito, em um canteiro relacional onde acontecem intervenções, deslocamentos de

plantas e emoções, modificando além dos espaços, a vida de pessoas que por ali passaram (APPEL, 2010). O grupo contava com a presença de doze alunos fixos e aproximadamente trinta e cinco pessoas que apareciam nos mutirões com frequência semanal para plantações, limpeza de lixos, manutenção da composteira, colheitas, oficinas e cine debates que intercalam quinzenal e mensalmente.

Essas estratégias criativas que ativavam experiências de vidas aparentemente distantes como a rural e urbana viabilizam um dispositivo relacional que atinge a proposta da troca de saberes, proposta esta reinventada constantemente, produzindo novos sentidos que desdobram limites entre arte e mundos possíveis. Essa estrutura que provoca descontinuidade parte dessas estratégias criativas que ativam o encontro entre distintas experiências de vidas.

Participamos do 1º Encontro Nacional de Agricultura Urbana (ENAU) entre os dias 21 e 24 de Outubro de 2015, como um marco para o início de tudo. Um dos canteiros foi utilizado para aula prática da oficina realizada por esse evento com mais de 250 representantes de organizações e agricultores de todas as regiões do país, tendo sido utilizadas sementes crioulas da feira agroecológica, deste mesmo evento, que aconteceu na Capela Ecumênica. Dentre os integrantes dessa oficina, funcionários das prefeituras de São Paulo, Distrito Federal, Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Roraima, Paraná e Goiás participaram ativamente. Essa atividade foi realizada pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana e o Fórum Brasileiro de Soberania Alimentar e Nutricional (FBSSAN). Foi através dos diálogos com esses movimentos que a agricultura urbana, mas propriamente dita, dentro da universidade, que foi fortalecendo sua identidade como prática de gerar alimentos saudáveis, isentos de agrotóxico, livres de transgênicos, valorizando a cultura local e pensando no reaproveitamento dos recursos e da distribuição de alimentos para às pessoas em situação de insegurança alimentar.

Figura 15 - flyer de divulgação do 1º Encontro Nacional de Agricultura Urbana.

I ENCONTRO NACIONAL DE  
**Agricultura  
 Urbana**  
 www.enua.org



AGROECOLOGIA E DIREITO À CIDADE;  
 CULTIVANDO SAÚDE E COMIDA DE VERDADE

**21<sup>a</sup> 24 UERJ**  
 OUT • 2015 Universidade do Estado  
 do Rio de Janeiro

Realização:



Apoio:



Fonte: <https://aueufmg.wordpress.com/2015/11/17/i-encontro-nacional-de-agricultura-urbana-agroecologia-e-direito-a-cidade/>

Figura 16 - 1º ENAU, Feira Saberes e Sabores em frente a capela Ecumênica da UERJ, stand de Santa Catarina. 2015.



Fonte: <http://csagriculturafamiliarneagros.blogspot.com/2015/10/a-uneagro-representa-saarinanta-cat.html>

Figura 17 - Oficina do 1º Encontro de Agroecologia Nacional Urbana (ENAU). Voluntários, professores e alunos unidos plantando no canteiro de artes da UERJ. 2015.



Foto:

Monique das Neves Silva

Figura 18 - Lista de presença feita por Monique das Neves Silva no primeiro mutirão no canteiro do ateliê para o 1º ENAU, percebe-se os estados de onde vieram os participantes. SP, RN, RJ, DF, RO, GO, PR, 2015.

LISTA DE ALUNOS PARTICIPANTES DA  
OFICINA DE AGROECOLOGIA - UERJ  
22/Octubro/2015

---

Nome - Faculdade - Estado - contato

- 1 - Daiane Almeida dos Santos - 99704.6346 - d.almeida@unirio.br
- 2 - Guilherme Reis Ramirez - USP - SP - 161570010@usp.br
- 3 - ANDRÉ CARETTA - USP - SP - andrecaretta@hotmail.com
- 4 - Tatiane Ap. Soares - Pref. Municipal SP - eng.tatianesoares@gmail.com
- 5 - Maíra de Góes - UFRN - RN - maíragóes@gmail.com
- 6 - PAULA FORTES - UERJ - RJ - paulafortes@gmail.com
- 7 - Carolina Januário Bento - RJ - carolyb.bio@uerj@gmail.com
- 8 - Igar Areline - BSB-DF - 61-81200450 - igararelina@gmail.com
- 9 - Bruno Thiago Paz de Lima Alves - RO - brunopalvespaz@gmail.com
- 11 - Caíra Luísa R. Andrade - RO - CAIRA.LUA@GMAIL.COM
- 12 - Gabriel Cipelars Guirado - UEM - PR - gcgirado@gmail.com
- 13 - Rafael Lima - CERAUP - UEM - rapellima147@hotmail.com
- 14 -

Foto: Monique das Neves Silva

Na “Semana de Biologia UERJ” de 2016, obtivemos a participação de alunos de grupos de agroecologia de outras faculdades do Rio de Janeiro, dentre eles os coletivos “Capim-limão” e “MUDA”, da UFRJ, “Agroecologia”, da ESDI UERJ (campus Lapa), trazendo assim ampla possibilidade de troca intra e inter universidades. Como consequência deste encontro, outros grupos de agroecologia se formaram. Neste segundo momento, 2016, vale ressaltar que já contávamos com mais três novos espaços cedidos pela prefeitura ao nosso grupo, vinculado ao projeto de extensão “TURVIDA”, do professor Rafael Fortunato, do Instituto de

Geografia, promovendo a sua institucionalização, negociando os espaços, integrando o grupo no projeto e fornecendo certificados aos participantes de atividades vinculadas.

Unidos, nos reunimos para vivências em sítios ruralistas e congressos agroecológicos como o “ERGA 2018” (rede de grupos de agroecologia Brasil) e o “COIREM” (Congresso Intercultural de Resistência Maracanã) 2018. Além da prefeitura do campus colaborar, temos professores com projetos de extensão que interagem com o grupo, fomentando ações interprojetos. Professores do Instituto de Artes, Geografia, Nutrição e Biologia são os que mais frequentemente interagem com pesquisas análogas e complementares (SILVA, 2017).

Figura 19 - Quadro com organização do Encontro Regional de Grupos de Agroecologia (ERGA) 2018.

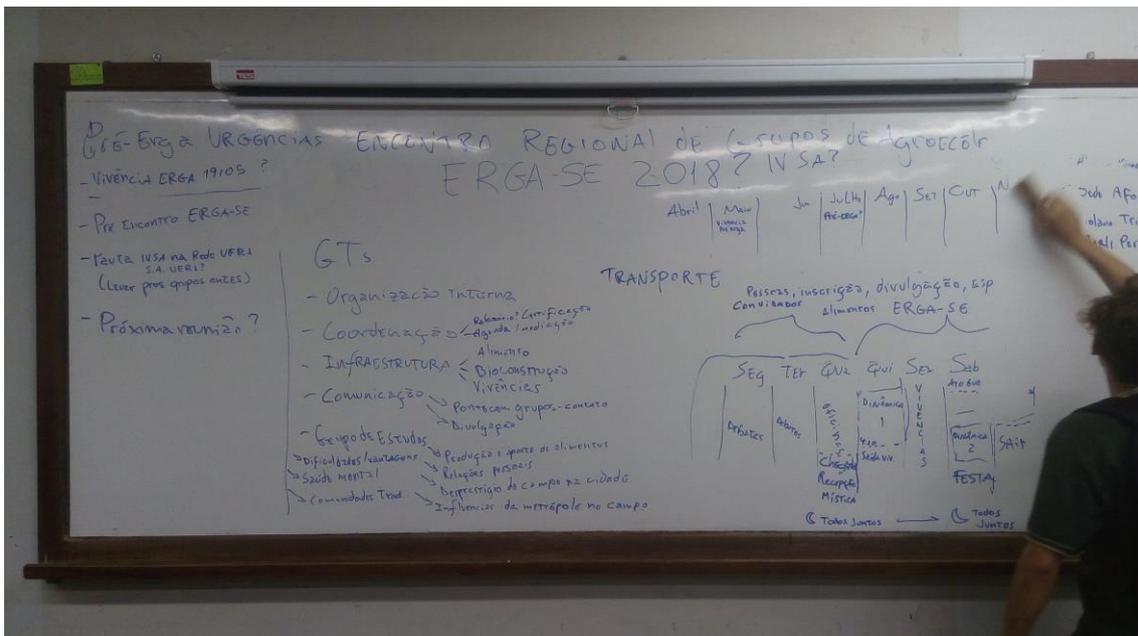


Foto: Monique das Neves Silva.

Figura 20 - Reunião ERGA 2018 no campus UERJ Maracanã.

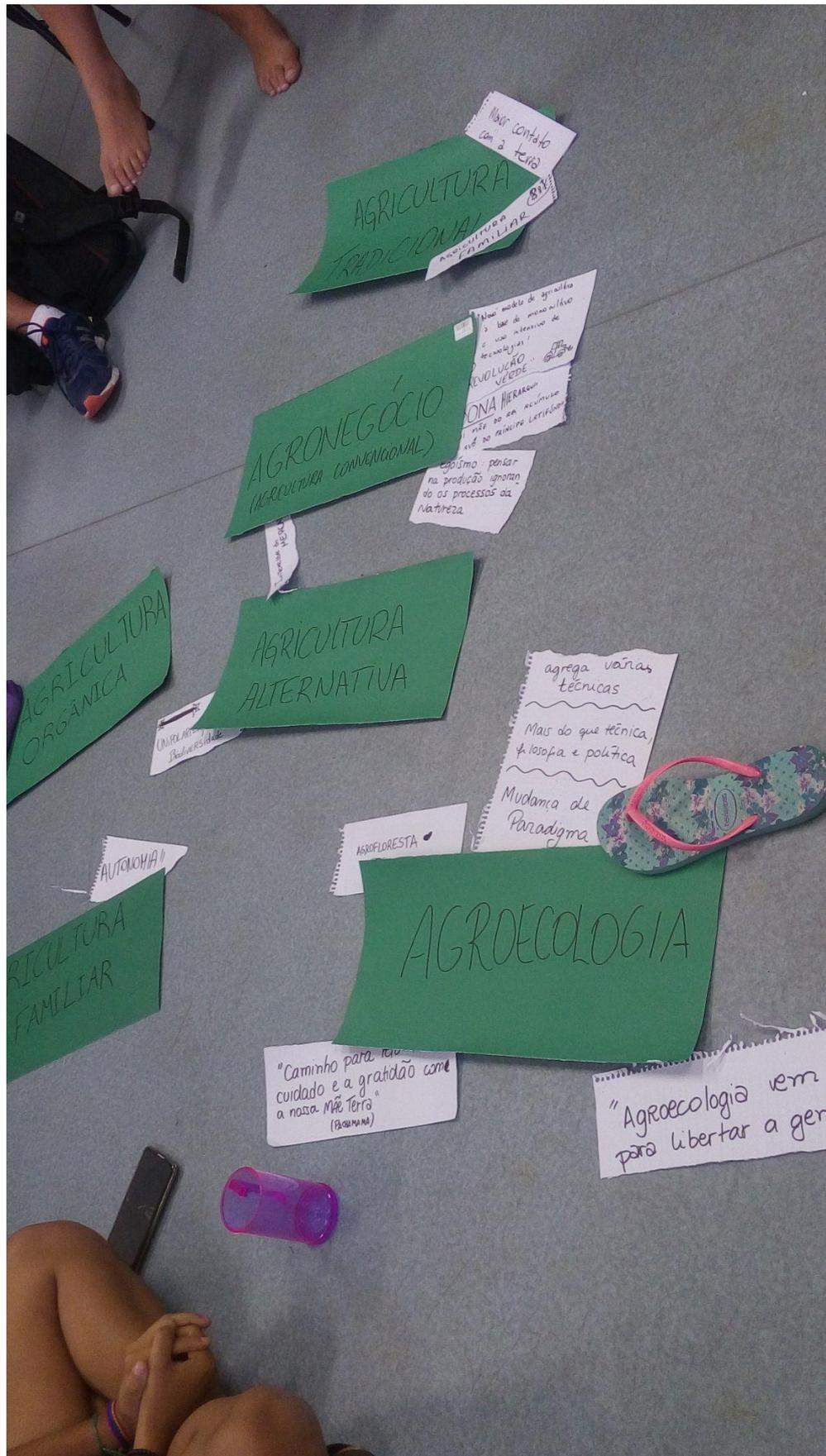


Foto: Monique das Neves Silva. 2018

Figura 21 - COIREM na UERJ Maracanã. Com participação de Guajajara e Monica Lima da Aldeia Maracanã. 2018



Foto: Monique das Neves Silva

A feira agroecológica na UERJ surgiu desse movimento aglutinador em uma reunião com a professora Juliana Casemiro, do Instituto de Nutrição da UERJ, e veio para agregar a tudo que já estávamos pensando em relação à sustentabilidade e produção de agricultura familiar, integrado por assentados de reforma agrária, quilombolas, indígenas, artesãos, entre outros. Esta feira acontecia todas às terças-feiras na entrada da UERJ (na direção para o metrô Maracanã). Nela, havia uma barraca para o grupo Manga Rosa onde realizávamos atividades de trocas de mudas, sementes e culturalidades. Essa agricultura familiar, praticada em pequenas propriedades, traz significativas mudanças econômicas, sociais e políticas no espaço mundial e não se orienta prioritariamente pelos padrões produtivistas, mas sim para a melhoria da qualidade de vida (SAVOLDI e CUNHA, 2010).

No trabalho "Jardim Comestível" de Alice Waters (2008) com o projeto *Edible Schoolyard*, conceituou e idealizou uma horta-escola com espaços para atividades educativas e práticas, o pátio foi transformado em campo plantado com centenas de espécies comestíveis e todos os alunos foram envolvidos nessas atividades de plantar, cuidar, colher, preparar e comer, inspiração esta que levou aos canteiros da UERJ alunos da escola Municipal Argentina juntamente com o Instituto de Nutrição que trouxe a escola (mais uma escola sucateada, perigando

fechar suas portas por falta de verba pública) para fazer uma tarde de oficina com o grupo de agroecologia da UERJ como resistência. Crianças e adolescentes, alunos de diversos anos letivos entrelaçados aos espaços de terra, aprendendo a conviver e trabalhar colaborativamente enquanto aprendiam a realizar atividades utilizando garrafas pets em reciclagem para montagem de mudas. Estás que eles levaram para casa. Formulamos um plano de aula mental para o mutirão com esses alunos da professora Juliana Casemiro criando para eles um estímulo sensorial com 5 espécies (erva-cidreira, boldo, ora pro nobis, capim limão, hortelã pimenta), em garrafas pets, caixas de leites e baldes.

Figura 22 - aluno da Escola municipal República Argentina plantando muda de boldo miúdo na garrafa pet.



Foto: Monique das Neves Silva.

Figura 23 - alunos da Escola municipal República Argentina no dia da atividade no canteiro de artes da UERJ.



Foto: Monique das Neves Silva.

Figura 24 - alunos da Escola Municipal República Argentina no dia da atividade no canteiro de artes da UERJ, plantando sementes na caixa de ovos.



Foto: Monique das Neves Silva.

Podendo mapear afetivamente, e imaginando essa identidade do coletivo, o Instituto de Artes, vem contribuindo até hoje, agregando setores tão distintos, mas também complementares, quando se trata de ciência e pesquisa, através de abordagens artísticas que relacionam espaços a oficinas, performances e trabalhos acadêmicos publicados. Concatenando com a arte contemporânea que ultrapassa museus e galerias, gerando uma discussão estética e política de ocupação de espaços e arte colaborativa onde a reciclagem e seus sentidos

O Instituto de Biologia trouxe conhecimentos botânicos em seus laboratórios, onde os encontros de biologia são palco para diversos universos nas ações dentro da universidade, trabalhos acadêmicos de identificação de espécies de vegetações,

com catalogação histórica de antes e depois e suas mudanças de acordo com as plantas dos projetos paisagísticos de Fernando Chacel e companhia.

Contamos com mídias eletrônicas na internet para melhor organização da passagem de tempo e fichamento de tudo que é desenvolvido em cada espaço, relacionando cada ciclo com o que foi modificado e o que pode trazer de benefício ou não, além de dois cadernos físicos onde cada movimento é também anotado e/ou desenhado para posterior pesquisa de dados. Possuímos mídias digitais de perfil público na internet como o Facebook (@agroecologiauerj), no Instagram (@mangarosauerj), o Twitter (@mangarosauerj) e um e-mail (mangarosa.uerj@gmail.com), com arquivos (textos, fotos e vídeos) salvos em drives para ampla divulgação e catalogação. Fomos capa duas vezes do periódico “UERJ em Dia” e uma vez contracapa com matérias informativas a respeito dos movimentos do grupo.

Figura 25 - Flyer digital do grupo com informações de contatos feito por Monique das Neves Silva. 2017.

O Grupo de Agroecologia **Manga Rosa UERJ** é um grupo de universitários de cursos distintos, movidos pela questão emergencial da crise na produção de alimentos e todos seus desdobramentos. Acreditamos na transformação socioambiental baseada em preceitos agroecológicos e sustentáveis que respeitam a natureza e o ser humano. Temos como projeto em longo prazo à produção para o Restaurante Universitário. Desenvolvemos regularmente ações praticas em canteiros no Campus UERJ Maracanã, a partir de experimentos de plantios, rega e compostagem. Seja nosso parceiro.

Facebook: @agroecologiauerj - Manga Rosa UERJ  
 Twitter: @mangarosauerj – Manga Rosa UERJ  
 E-mail: mangarosa.uerj@gmail.com  
 Instagram: Manga Rosa UERJ

Logotipos de parceiros institucionais: UERJ, art uerj, IGEOG Instituto de Geografia, GE UERJ, SR3 UERJ, ibrag Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes.

Fonte: Monique das Neves Silva

Figura 26 - Boletim semanal UERJ em Dia, ano 19, n. 759.

# UERJ em dia

05 a 11 de setembro de 2016

BOLETIM SEMANAL Ano XIX • Nº 759

---

## UERJ sedia Colóquio Internacional Fronteiras e Diversidades Culturais no Século XXI

**E**m sua quinta edição, o "Colóquio Internacional Fronteiras e Diversidades Culturais no Século XXI: Território, Diálogo e Cidadania" será realizado nos dias 12 e 13 de setembro, no auditório 91 do Pavilhão João Lyra Filho, no campus Maracanã da universidade. Nesse ano, o evento terá o tema central "Saúde, Trabalho e Desigualdades", deturando a abrangência das questões de saúde e trabalho frente às desigualdades sociais. O evento é organizado pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e em Comunicação da UERJ.

"O Colóquio é realizado anualmente, desde 2011, e pretende a cada ano discutir temas que estão em pauta naquele momento. Já trabalhamos em várias categorias e neste momento grande parte de nossos pesquisadores estão trabalhando com o tema da saúde; o trabalho foi escolhido porque quase não se tem discutido sobre esse campo de estudo neste momento e as desigualdades são um dos aspectos mais importantes neste momento de crise", explica Regina Andrade, professora do curso de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ e uma das coordenadoras do evento.

Com o objetivo de reforçar a atuação cooperativa nacional e internacional com o apoio do Programa de Pós-Graduação e possibilitar novas opções de diálogo acadêmico para alunos e professores, o Colóquio irá reunir pesquisadores de várias universidades do Brasil e do exterior. A mesa de abertura, que discutirá o tema central do evento, contará com a presença de Mauro Sempiani (Centro de Estudos Sociais, Coimbra, Portugal), Ana Maria Paçanha (Centre d'Études sur l'Actual et le Quotidien, CEAQ, França), Maria Teresa Costa Ramos (Pós-doutorado, UERJ/FAPERJ) e Denise Maria de Oliveira Lima (Pós-doutorado, UERJ/FAPERJ) –FSBA).

As inscrições para participar do "V Colóquio Fronteiras e Diversidades Culturais no Século XXI: Saúde, Trabalho e Desigualdades" são gratuitas e podem ser feitas pelo site [www.fronteiras.culturais.uerj.br/colquio2016](http://www.fronteiras.culturais.uerj.br/colquio2016).

### Estudantes da UERJ criam grupo de agroecologia

À busca por hábitos de vida cada vez mais saudáveis vem sendo almejada, anualmente, por pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais. E, quando se fala em alimentação, essa realidade não poderia ser diferente. Embora cada vez mais presente nas feiras livres e nos supermercados, o consumo de frutas, legumes, verduras e carnes livres de agrotóxicos ainda não atingiu plenamente todos os lares brasileiros. A produção de alimentos saudáveis, de modo sustentável e integrado ao cotidiano, é o objetivo da agroecologia.

Desde o início do ano passado, um grupo de estudantes, oriundos de diferentes unidades acadêmicas, começou a ter uma preocupação especial com a saúde dos sistemas produtivos. A proposta era criar um espaço onde fosse possível fazer experimentações e, simultaneamente, promover discussões técnicas sobre agricultura orgânica, reforma agrária, questões indígenas, entre outros assuntos complexos. Para isso, o local escolhido foi o Bosque UERJ, uma área de cerca de 400 m<sup>2</sup> vizinha ao prédio 1 e ao estacionamento do Teatro Odylo Costa, filho, criado pelo Profeta das Campi há oito anos. Batizado de Espaço Surti, em referência à deusa da agricultura na mitologia tupiguaraní, a marca simbólica teve como objetivo marcar o início das atividades do grupo no local. Ali, já foram plantadas algumas espécies frutíferas, plantas medicinais e hortaliças folhosas. Todas à segunda e quinta-feira são realizadas reuniões



Renato Martins (à esquerda) e Pedro Cooper fazem parte do grupo comunitário que atua junto à saúde e ao meio ambiente da UERJ para manutenção do espaço, além de novos plantios, colheita e transporte de mudas adquiridas pelos próprios voluntários.

Pedro Bagliaro Cooper, aluno do 3º período de Licenciatura em Educação Física, é um dos membros mais antigos do grupo que hoje atua no Espaço Surti. A experiência numa rede de consumo de produtos de base agroecológica estimulou o estudante a mobilizar colegas e outros voluntários para a construção de uma iniciativa coletiva e ecológica: o Espaço Surti. "As pessoas hoje são muito afetadas de uma coisa que é vital para a gente que é a alimentação. Ela não para o momento, não têm também nenhum tempo pra pensar de onde vem aquela comida. É como se a produção nascesse no momento de uma coisa que é vital para a gente que é a alimentação. Ela não para o momento, não têm também nenhum tempo pra pensar de onde vem aquela comida. É como se a produção nascesse no momento de uma coisa que é vital para a gente que é a alimentação", explica. Já Renato Martins, do 7º período do Bacharelado em Biologia, conta que o cotidiano do curso não contempla o estudo da agroecologia. "Mas interesse começou quando descobri que somos o país que mais consome agrotóxicos.

Infelizmente, a gente não tem que naturalizar uma série de coisas absurdas na forma de ser e agir", disse.

Há pouco mais de seis meses, os discentes decidiram buscar assistência na própria UERJ. O apoio técnico inicial veio do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG) e, mais recentemente, do Departamento de Turismo, vinculado ao Instituto de Geografia (IGEOG). Já a custódia definitiva do espaço está em processo de negociação junto à Prefeitura dos Campi.

O engajamento agônomo Sidarino Neto, do Departamento de Biologia Vegetal do IBRAG, é um dos professores que vem dando suporte ao grupo de agroecologia. Segundo ele, existe a proposta de formalizar a criação de um grupo de estudos sobre agroecologia na UERJ, além da oferta futura de uma disciplina eletiva universal sobre o tema. "A agroecologia sempre existiu. É uma prática milenar. O desafio é usar essas iniciativas para transformar as realidades. Aqui na UERJ, por exemplo, temos como vizinho uma comunidade comunitária que vive de caçador. A partir do momento em que você desenvolve modelos de baixo custo será possível expor isso para fora dos muros. E, dependendo também do objetivo, até andar uma realidade inimaginável, o uso, através do Roteiro Universitário", analisou o docente, que já busca estabelecer parcerias com organizações não-governamentais e outras instituições de ensino superior com experiência no assunto.

**UERJ SEM MUIROS  
TEM NOVA DATA**

A 27ª UERJ SEM MUIROS, que acontecerá no mês de novembro deste ano, será realizada no período de 24 a 28 de abril de 2017. Com a alteração da data, fica cancelado o prazo de 1º a 23 de setembro para inscrição e projetos. Em breve, a Sub-secretaria de Extensão e Cultura (SR-3) irá divulgar o novo período de inscrição.

27  
UERJ  
SEM MUIROS

Figura 27 - Boletim semanal UERJ em Dia, ano 20, n. 810.

**UERJ em dia**

BOLETIM SEMANAL 16 a 22 de outubro de 2017 Ano XX • Nº 810

## Programa de extensão de turismo solidário promove formação interdisciplinar e humanizada para os estudantes da UERJ

**C**riado em 2012, o projeto de turismo solidário do programa de extensão TURVIDA é uma iniciativa do Departamento de Turismo (DTur), dentro do Instituto de Geografia (IGEOG). Seu objetivo é contribuir com o desenvolvimento das localidades visitadas, ressaltando seu potencial turístico e despertando uma consciência socioambiental. "Primeiro buscamos formar, como pessoas e comunidades, os moradores que vivem em lugares onde é possível desenvolver atividade turística. E, depois, nós pretendemos levar os turistas até esses lugares", explicou Rafael Angelo Fortunato, professor do IGEOG e coordenador do projeto. "Geralmente, nós trabalhamos com comunidades que têm certa dificuldade econômica. O turismo é, dessa forma, visto como um potencial para melhoria da qualidade de vida daquela localidade", completou.

A ideia para o projeto surgiu da tese de doutorado do professor Rafael Fortunato, que trabalhou extensamente com a questão do turismo solidário, trazendo-o para o âmbito acadêmico. "Essa temo existia em nível de programa de política pública, mercadologicamente. Eu o trouxe para academia e resolvi, de fato, defender o conceito do turismo solidário. A partir de 2011, comecei a pensar em como ele poderia ser utilizado pra construir uma nova forma de ver, pensar e sentir o turismo", contou Rafael.

A iniciativa consiste na criação e no desenvolvimento de roteiros turísticos em diversas localidades, os Roteiros do Rio. Dentre os lugares visitados, estão o Morro do Bosel, Barra de Guaratiba, o Parque Estadual dos Três Picos, entre outros. Um dos destaques do projeto é, no entanto, o mapeamento das propriedades rurais que trabalham com produção orgânica no entorno de unidades de conservação, realizado em Santa Rita, Teresópolis. "Há algum tempo, nós fizemos um passeio até Santa Rita e uma visita com os estudantes daqui da UERJ, ligados à horta comunitária que eles estão montando



aquí. Eles se chamam grupo Manga Rosa. Foi a realização de uma espécie de sonho que eu tinha com o projeto, porque é um trabalho multidisciplinar, essa coisa da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade. Nesse sentido, nós conseguimos uma van da UERJ e levamos o pessoal até as propriedades que trabalham com agricultura orgânica de Santa Rita. Nós tínhamos, participando do projeto, uma estudante de Biologia, uma estudante de Geografia, um estudante de Engenharia de Produção, um professor de Artes, estudantes de Turismo e estudantes de Educação Física", destacou o professor.

Além disso, também há uma preocupação do projeto em oferecer subsídios para o desenvolvimento produtivo local, criando, dessa forma, um fundo de turismo solidário. A arrecadação é facultativa e acontece, geralmente, em hotéis e restaurantes das localidades. "Quem quiser pode deixar uma pequena contribuição para nos ajudar a conseguir instrumentalizar as pessoas para que elas possam melhorar a produção. Tanto a produção rural e orgânica quanto a produção de turismo", disse Rafael. Essa ação tem o objetivo de fazer com que o dinheiro circule na localidade, criando um circuito de atividade turística. "É necessária a criação desse fundo para fazer com que, quando o turista visite a região, ele possa comer um queijo aqui, comer a pamonha ali, jantar em outro lugar e andar a cavalo no

outro. Ai você beneficia toda uma comunidade em torno dessa atividade turística", acrescentou.

Segundo o coordenador do projeto, o turismo solidário é, ainda, uma oportunidade para os alunos entrarem em contato com o campo, a partir de uma educação mais humanizada. "A ideia do turismo solidário tem uma questão muito importante na formação dos estudantes, porque, além de conhecer o lugar e ter uma experiência de fazer, eles podem também aprender na troca de experiências com os moradores. E se colocarem à disposição para tentar resolver alguns dos problemas que aquela comunidade enfrenta. Inclusive, quando a gente passa pela crise que estamos passando, nós temos que pensar novas formas de atuar. Essa é uma nova forma. Precisamos aumentar a interação dos estudantes com as comunidades e com a população de um modo geral".

É possível conhecer mais sobre o trabalho do programa TURVIDA de turismo solidário pelos websites [www.turismo-solidario.uerj.br](http://www.turismo-solidario.uerj.br) e [brasilidadesolidaria.com.br](http://brasilidadesolidaria.com.br) ou pelo canal do Youtube "Retrato Brasil", no qual são divulgados documentários etnográficos dos roteiros realizados. Além disso, o professor Rafael Angelo Fortunato lançará, em dezembro, o livro "Por um turismo solidário: noções, perspectivas e estratégias", que apontará novos rumos para a atividade turística através do turismo solidário.

Figura 28 - Boletim informativo semanal UERJ em dia, ano 21, n. 957.

## PROJETO QUE VISA DIMINUIR O LIXO ORGÂNICO TRAZ POMAR E HORTA PARA A UNIVERSIDADE

*Iniciativa de alunos e professores incentiva a criação de área de cultivo com a produção de plantas alimentícias e de uso farmacêutico*

O Manga Rosa é um projeto de espaço urbano com princípio de agroflorestais, que tem o propósito de diminuir o lixo, substituir plantas e combater os caramujos africanos na UERJ. Criado em 2012 pela estudante do Instituto de Artes Visuais (ART) Monique das Neves Silva e pelo vice-diretor do Instituto de Geografia (IGEOP), Rafael Fortunato, o canteiro fica localizado perto do Restaurante Universitário e atualmente recebe ajuda de alunos de diversos cursos. O trabalho é voluntário, com uma alta rotatividade de pessoas e muitos mutirões de encontro para troca de experiências, plantio e colheita.

Apesar de reunir estudantes de diferentes áreas, os alunos de biologia são presença necessária, pois seus conhecimentos são importantes para a preparação do solo que foi intermediado inicialmente pelo professor Sebastião Neto, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG). Com o objetivo de tornar os canteiros um espaço de experimentação, o Manga Rosa ensina as pessoas a terem afeto pelas plantas, resgatando a ancestralidade.

Presente na ocupação do Restaurante Universitário, o projeto agora tem a produção de plantas alimentícias, de uso farmacêutico e frutíferas. Toda a produção é distribuída para os trabalhadores terceirizados da Universidade, integrantes do projeto e para aqueles que participam dos mutirões. Além disso, o Manga Rosa confere certificados de participação a seus colaboradores.

Para Ricardo Martins, aluno do IBRAG e um dos colaboradores do Manga Rosa, apesar da dificuldade com as ferramentas, a iniciativa é capaz de atrair público, criar uma coletividade e quebrar barreiras na forma como as pessoas olham a UERJ, passando a ter cuidado com a Universidade.

Para o futuro, a fundadora revela que pretende abastecer o Restaurante Universitário com os produtos cultivados. Também é objetivo, no Manga Rosa, utilizar sua composteira para reaproveitar alimentos descartados pelo bandeirão. Todas essas ações em parceria com a prefeitura do campus têm o propósito de tornar a Universidade um ambiente mais consciente e sustentável.



Fonte: <https://www.uerj.br/edicao-957/>.

No contexto da pesquisa foi produzido um vídeo de 27 minutos de duração, intitulado “Manga Rosa UERJ”, como forma de agradecimento e reconhecimento do grupo, contendo catalogações de fotos e vídeos de, pelo menos, três anos de movimentações. O vídeo foi exposto no terceiro andar da galeria do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica na “Mostra dos Formandos em Artes Visuais do Instituto de Artes da UERJ”, com abertura no dia 05 de Agosto de 2017 no período que foi até 30 de Setembro de 2017. A seguir, o texto crítica do Historiador de Arte, André Camello Costa (apud VOGLER e MOREIRA, 2017) sobre o trabalho exposto na galeria:

Manga Rosa, o projeto de pesquisa/intervenção de Monique das Neves Silva, floresceu dentro do campus da Uerj, não tão distante das salas de aula, mais propriamente nos jardins e pomares da instituição. Concebido como projeto provocador de se relacionar de modo mais ativo com um jardim específico do campus, que se encontrava abandonado e infestado de caramujos, o trabalho coletivo e multidisciplinar (visto que envolve outros setores da Universidade, como o de Artes, Biologia, Geografia, Nutrição etc.) também foi pensado em termos de uma possível produção de alimentos (para o restaurante universitário). Se o trabalho presente na mostra se resume meramente a um registro em vídeo, o trabalho em si, que (ainda) ocorre no campus, é pleno de potencialidades ao cruzar arte, ciência e meio ambiente. (VOGLER e MOREIRA, 2017, p. 9).

Figura 29 - folder da exposição coletiva no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica - 2017.

Imagem da obra: Monique das Neves Silva

**MOSTRA DOS FORMANDOS DO CURSO DE ARTES VISUAIS  
INSTITUTO DE ARTES DA UERJ "FormAÇÃO 2016"**

**horários**  
Seg, Qua, Sex - **12:00 às 20:00**  
Ter, Qui, Sab - **10:00 às 18:00**

**exposição**  
**05.08 a 30.09**

apoio:

**art** uerj

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
**UERJ**

C | M | A | H ●  
CENTRO MUNICIPAL DE ARTE HÉLIO OITICICA

**CULTURA+ DIVERsidade**

**RIO** PREFEITURA

Fonte: arquivo pessoal.

Assim foi criado, cresceu e se fortaleceu o grupo de agroecologia na UERJ, diversificado de participantes provocados na esfera artística com aproximação dos espectadores em encontros individuais e coletivos. Em diversos momentos de grupo

ampliado, com a realização de jogos imaginativos que aos poucos foram se tornando realidade.

Instituições derivadas de culturas, de comunicação e patrimônio, dispositivo da captura do desejo humano. O cinema também atua na nossa proposta, está no nosso campo de relações assim como a arte. A arte exige que não sejamos ingênuos, é preciso cuidado. Se camuflar, transfigurar, assumir outras aparências, assim como os museus mudam de pele, assumir múltiplas aparências.

## 1.2 Princípio da conservação de massas

A inteligência da natureza opera pela lei do mínimo esforço, sem ansiedade, com harmonia e amor, assim disse Deepak Chopra (1989) tão sabiamente ao observar a natureza. Temos certeza de que toda transformação se dá por um princípio.

Cultive uma postura mais compreensiva e a recompensa virá em forma de amor, simpatia e colaboração. Vivemos em geral, voltados demais para nossas próprias perspectivas e a empatia nada mais é do que a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo coisas a partir do ponto de vista alheio.

Para atingirmos a felicidade pela ausência da dor física o homem se assemelha aos demais animais buscando aproximação com o bem-estar. Epicuro (ANDRADE NETO, et al, 2010) também defendia a liberdade humana e a tranquilidade de espírito. Seguimos sempre tentando nos proteger e viver de maneira saudável e prazerosa, por isso a continuidade de ações que tendem a trazer conforto e sociabilidade.

Alguns dos espaços dentro da universidade foram transformados em lugares de reuniões e ações coletivas. Com uma metodologia observacional cujo foco se destaca em uma estratégia popular de arte colaborativa e relacional como o mutirão, partindo do pressuposto ancestral da terra com uma necessidade do seu melhor uso. Os espaços ajardinados da universidade que serviram de experimentos, contam com histórias de culturas antepassadas em seus cultivos e plantios.

Todo esse empenho militante começa com a política dos 8Rs: Refletir, Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Respeitar, Reparar, Responsabilizar-se e Repassar.

Aspectos resultantes de utilização de produtos com sentido de incorporar objetivos de sustentabilidade e a capacidade inovadora e criativa de transformar recursos naturais contribuindo para uma melhoria de qualidade de vida e ecologicamente necessário. Refletindo questões de consumo minimizando impactos, evitando desperdícios, reaproveitando de outras maneiras, quando descartado que seja seletivamente preservando recursos naturais, respeitando a si e aos demais isso inclui o meio ambiente, consertando antes de comprar um novo, multiplicando informações de consumo consciente (OS 8 R'S DA SUSTENTABILIDADE, 2019).

Bourriaud (2009) enfatiza a ação do artista de se apropriar da função de obra de arte enquanto um dispositivo relacional, buscando a aproximação com outros participantes, colocando outros agentes envolvidos em uma realização de um objeto de cunho artístico, ou não, pela soma de momentos ampliando necessidades e desejos muito parecidos.

### **1.3 Apropriação e Ocupação**

Os alunos em assembleia decidiram ocupar o campus como forma de resistência quando as aulas foram suspensas na greve de 2015 que visavam retomar. Acampamos no interior da universidade dificultando outras pessoas entrarem. Nesta época, alunos estavam com suas bolsas em atraso e os terceirizados estavam há meses sem receber também seus pagamentos. A reivindicação desta ocupação foi o pagamento dos terceirizados, dos residentes e dos bolsistas, além do reajuste do valor das bolsas. O Rio passava por uma crise fiscal levada pelo governo que também estava em atraso com os salários do serviço público (ADJUNTO, 2015).

Colocamos faixas, um cordão de isolamento e cadeados nos portões de entrada (movimento intitulado “Trancaço”), neste momento, quando professores ou funcionários chegavam, eram impedidos de entrar e tinham a explicação das reivindicações do movimento. Com protesto contra a retomada das atividades acadêmicas sem os pagamentos, a universidade decidiu cancelar as aulas entre os dias 24 e 30 de Novembro de 2015 e, com essa suspensão de pagamentos, os terceirizados dos setores de limpeza e vigilância também decidiram parar.

Figura 30 - alunos mobilizados para as reivindicações do movimento trancaço.



Foto: arquivo de pesquisa Monique das Neves Silva. 2015.

Figura 31 - “trancaço”, alunos trancam às portas da Uerj com cadeados na ocupação da universidade.



Fonte: <https://extra.globo.com/economia/emprego/servidor-publico/aulas-na-uerj-devem-ser-retomadas-no-dia-23-de-agosto-19835923.html>.

Reunidos em um dos espaços do DCE na universidade, após muitas reuniões, quando pensamos em ocupar o campus, começou a discussão sobre ocupação em outros espaços. A primeira ocupação no canteiro iniciou ao lado da entrada do ateliê de artes. A principal reclamação para a ocupação é que ali era espaço recebendo lixo e diversas pragas urbanas foram se instalando, como infestação de ratos, baratas, pombos e caramujos, que proliferaram em excesso por conta de desequilíbrio e falta de predadores.

Partindo da realização desse objeto, onde são canteiros que produzem insumos e afetos, traz uma relação entre unidades distintas e uma construção de alianças entre diferentes parceiros. Como o artista escuta a necessidade de um território e convida um grupo para participar ativamente do projeto, esses espaços destinados a uma obra de arquitetura tombada passaram por uma reformulação que representa os interesses, de fato, dos envolvidos na ocupação.

A ideia do projeto busca a sedimentação de um determinado número de atos entrelaçados. Rememorando a obra “A Partilha do Sensível” do Rancière (2005), reflito sobre a distribuição polêmica das maneiras de ser e das “ocupações” em um espaço e, a partir daí, objetivo colocar a questão da relação entre o trabalho ordinário e a excepcionalidade artística. Participei do momento de decisão de tomarmos esse canteiro.

No decorrer do processo, a já citada relação do descaso e desuso de práticas culturais e sociais foi se confirmando como sendo o problema ou objeto a ser pesquisado (GOLDENBERG, 2003), introduzindo as questões culturais no campo de estudo e mostrando porque o processo de pesquisa deveria se imbuir de caráter artístico.

O ambiente estava degradado e insalubre, causando mal estar. O processo de ocupação nos trouxe para viver conjuntamente no campus e explorar seus recantos, revelando esse mau estado do jardim.

Figura 32 - funcionários da limpeza removendo os lixos que ficavam depositados embaixo da escada, na frente do canteiro de artes na entrada do ateliê. 2017.

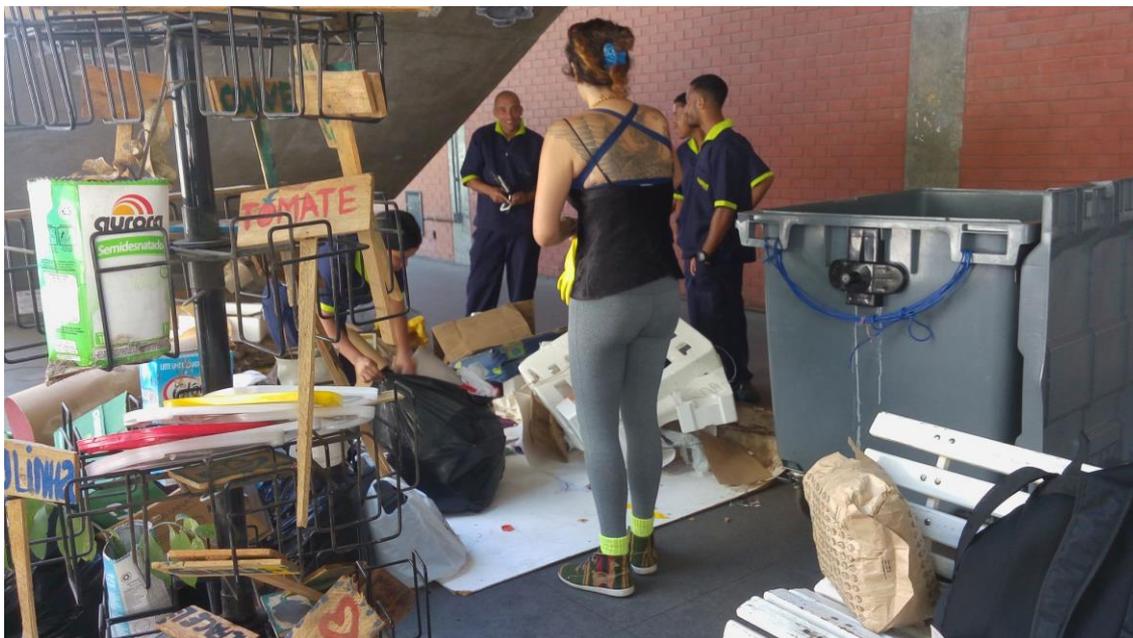


Foto: Renato Martins

No início uma urgência em cuidar de um espaço próprio por convivência de insalubridade, abriu espaço para ideias coletivas dentre estas mexer na terra e experimentar quais alimentos ali seriam úteis. Assim como uma experimentação nasceu um grupo denominado Grupo de Agroecologia da UERJ que mais tarde em uma das nossas reuniões se transforma em Manga Rosa Uerj (sugestão de nome dado pela integrante Paula Fortes, aluna de Ciências Sociais da UERJ) por conta da aproximação com o bairro Mangueira, e por estarmos fazendo a reunião repetidas vezes embaixo de uma mangueira de fruto Manga Rosa, por utilizarmos a mangueira para rega, e por esses motivos decidimos por esse nome. E neste mesmo momento incorporamos anotações a todas às ações ali resolvidas, percebendo a diferença e o tempo de maturação de determinadas espécies ali plantadas.

Como uma forma de se apropriar dos espaços onde a agroecologia pode ter um poder transformador, o espaço de troca e convívio são valores de uso e de troca, como diz Lefebvre e NICHOLSON-SMITH (1991). Essa forma de expressar, utilizando a terra, remete a uma ancestralidade muito arraigada e deveras esquecida pela urbanização/industrialização. Como campo de experiências, quando decidimos que podíamos resgatar essas práticas, fonte de saberes tradicionais desenvolvidos

em aliança aos conhecimentos acadêmicos, ao abriremos o espaço para o trabalho colaborativo. A utilização da ocupação de espaços ajardinados ociosos dentro da universidade, a cultura do manejo da terra, o movimento das plantas como performance e principalmente a troca de saberes, são temas trabalhados dentro do grupo de forma artística, além de biológica, geográfica e nutricional. Esses espaços são ignorados ou subutilizados.

A proposta de ocupação destes espaços dentro da universidade além da ocupação e revitalização, tem uma proposta artística de despertar uma reflexão e investigação sobre as utilizações desses espaços. A preocupação do verde dentro do urbano está cada vez mais crescente, pois o jardim representa um vínculo concreto de diminuição de estresse, permitindo uma pausa para um momento de distração com efeito tranquilizante e benéfico, tão necessário em um ambiente tão tóxico.

Ainda existe também a apropriação dentro da ocupação, ou apropriação da apropriação. Fatos interessantes observados nesses momentos onde diversos fatores aconteceram impulsivamente, em determinados momentos. Uma das formas de nomear o espaço era com placas produzidas com madeira, geralmente partes recolhidas do lixo, de paletes ou caixas recicladas. Porém, em uma dessas composições artísticas, pedras portuguesas foram utilizadas por cima da terra para nomear “MANGA ROSA” e “ARTE”, em um dos canteiros, justamente o espaço em frente ao ateliê de artes.

Figura 33 - Canteiro de Artes com decoração do nome “Manga Rosa” e “Arte” feito com pedras portuguesas. 2017.



Foto: Monique das Neves Silva

A apropriação nas artes é mais natural do que podemos imaginar. A arte, na verdade, é jogo de apropriações. Porém, algumas são de fácil identificação, enquanto outras não se pode nem imaginar, se você não possuir as referências primárias. Imagens e ideias são muito fecundas e podem espalhar suas sementes em muitos lugares e temporalidades diversas.

No próprio movimento do grupo, muitos outros trabalhos foram acontecendo. Um dos alunos do Instituto de Artes criou um projeto para colocar um banco de praça na entrada do ateliê. Conseguindo esse banco cedido pela prefeitura e por estar ao lado de fora e não de dentro do ateliê, cada dia ele aparecia em determinado lugar. Atualmente não se sabe o paradeiro do banco.

Outro caso curioso, foi o do tapete acarpetado de 2,20m na entrada da porta do ateliê que foi reciclado de outro instituto, amanheceu com 30cm. Mais tarde descobrimos que uma das funcionárias já idosa, por estar cansada de limpar o tapete tão grande em extensão, pediu ajuda a outro funcionário e esses cortaram o tapete o reduzindo a menos de 1/3 do seu tamanho. As outras partes do tapetes nunca foram encontradas. No lugar deste fomos presenteados por um tapete/arte com os dizeres "INVENTANIA" cedido pelo professor e artista Jorge Menna Barreto (2016). Este se encontra na entrada do ateliê até hoje.

Figura 34 - tapete Inventania doado pelo professor/artista Jorge Menna Barreto.

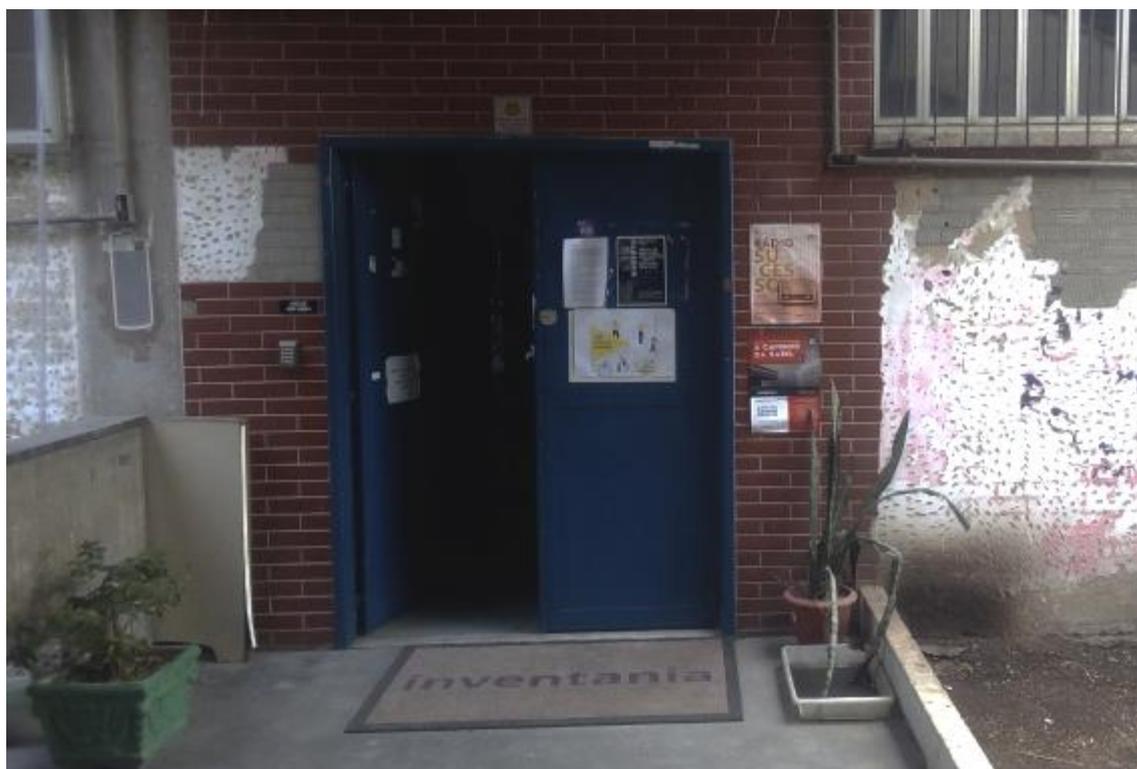


Foto: arquivo de pesquisa Monique das Neves Silva. 2017

Muitas mudas que ficavam em garrafas pets e caixas de leite eram deixadas lá para distribuição livre a quem interessasse, porém algumas vezes ao invés delas serem levadas, retiravam as plantas que estavam plantadas nos espaços sem nenhuma satisfação, levando a planta toda ao invés de uma muda, deixando um buraco no espaço. Essa relação com o público que ali passava, também teve modificação de volume relacionado ao segundo momento onde com a implantação do Restaurante Universitário, torna-se um lugar de passagem.

Essas atividades, que têm uma predominância de formas e elementos visuais, sugerem uma apropriação ativa por parte dos artistas participantes e por todos passantes. Essas atividades de ocupação, sem sombra de dúvidas são “espaços vivos” que refletem as necessidades de vida em um espaço acadêmico “projeto do edifício dos alunos”. O projeto vem sendo marcado pela influência de uma funcionalidade dos subespaços, suas vegetações e interações pessoais com construções artísticas.

#### 1.4 Antropofagia e Mimese: uma breve e longa história

Sonhei que visitava o “canteiro antropofágico”, denominado anteriormente *Espaço Caramujo*, por conta da infestação dos mesmos, reverenciando a eles homenagem. Como explicar um canteiro antropofágico? Precisaremos voltar no tempo e explorar os livros de história e as matérias de revistas. Este nome foi dado por alusão a um trabalho de história da Arte no Brasil. Espaços do jardim foram relacionados com a pintura “O Mamoeiro” de Tarsila do Amaral pelos mamoeiros ali plantados. Ela, em um cansaço de reproduzir o que era criado no estrangeiro e adquirir uma identidade própria nacionalista, no olhar literário e plástico, mesmo com as influências vanguardistas europeias, criou um estilo próprio de paleta de cores e unindo técnicas retratou paisagens regionalistas no intuito de criar uma arte genuinamente brasileira. Esse movimento modernista, iniciado com um manifesto de antropofagia escrito por Oswald de Andrade, ativista na arte com seus folhetins e revistas questionadores e politizados, pedia que os artistas parassem de alimentar nossa arte com o que era de fora, estrangeiro. Tudo o que era produzido era uma cópia do que acontecia lá fora nos outros países, ao invés de uma criação propriamente brasileira.

Figura 35 - quadro “O Mamoeiro” - Tarsila do Amaral.



Fonte: <http://tarsiladoamaral.com.br/>.

Oswald, recebendo de presente o quadro “Abaporu” de Tarsila do Amaral (1928), sua esposa na época, foi convidado por Raul Bopp (2012) a criar esse movimento nacionalista antropofágico propondo uma arte nacionalista de envio para outra nação. O manifesto da antropofagia pedia de uma vez por todas que todos os artistas parassem de alimentar a nossa arte com o que era produzido de fora, o que é criado no estrangeiro como se não tivéssemos nada que importasse.

Figura 36 - quadro “Abaporu” - Tarsila do Amaral -



Fonte: <http://tarsiladoamaral.com.br/> .

Como um significado simbólico, no movimento canibalístico antropofágico (ANDRADE, 2001), ao se apropriar de algo fora do seu meio cultural era como comer um outro, assim como no canibalismo ritual Tupi, ao parte do seu meu inimigo, se adquiriria suas habilidades. Deglutir é se alimentar. Aproveitando-se de uma passagem histórica do descobrimento, onde culturas diferentes brigavam para sobressair, índios dizimados de seu habitat, perderam território para a Europa, logo

em seguida, seus valores roubados e, inclusive, até atualmente vistos como povos atrasados.

Os requintes tétricos do banquete antropofágico onde seres humanos para se apropriarem comem uns aos outros para crescerem seus poderes (ANDRADE, 2001); há um devoramento do mundo em gestos, palavras, ideias, culturas, digere e “vomita”, para novamente alguém ingerir esse caldo ruminante, digerindo e produzindo novo elemento cultural.

O que de fato acontece, segundo meu entendimento, é como Lavoisier (1806) falou: que nada se cria, tudo se transforma; esse ato de deglutir uma coisa e transformar em outra, pode ser vista também como apropriação. As plantas e frutas nos alimentam na mesma proporção, fonte de embasamento dos corpos, onde cada espécie fornece determinado nutriente, vitaminas e minerais (SALGADO, 2017). O fato de se alimentar e devolver o que não foi utilizado para a natureza como excremento, determina novamente sua utilização e reutilização onde todos e tudo que vêm da terra voltam para ela.

A antropofagia é um movimento cultural que nos mostrou que nos nutrimos quando lemos, escrevemos, observamos e imitamos, ouvimos e falamos. Observei que tudo é mimese antropofágica. Uma mistura do que vemos, ouvimos, sentimos, misturamos a cultura de descendentes ancestrais individuais e biológicos. Reproduções de elementos já concebidos que abarcam uma variedade de significados, imitando a natureza, o mundo, a vida como expressão artística também reutiliza, degluti e transforma.

Somos devoradores da cultura estrangeira que vai se misturando com a nossa e vai formando nossa identidade de antropofagia mimética, a intratextualidade ao elemento estrangeiro devorado pelo movimento modernista brasileiro, cultivando nossa raiz brasileira, indígena, caipira e/ou africana. Um período do crescimento da classe artística, com um evento cultural único na semana de arte moderna de 1922. As artes reproduziam na época muito dessa paisagem rural, campesina, que migrava cada vez mais para a cidade. Transformando esse centro urbano em uma antropofagia do campestre no êxodo rural, simbolicamente nacionalizando, assim, nossa arte de representação. Há quem diga que isso é uma arte de exportação.

Figura 37 - Desenho do mamoeiro com o Abaporu.



Inspirado no Canteiro Antropofágico, por Samilly Quirino, desenho feito pelo IUS Colore para pintar na parede da entrada do canteiro, ainda não foi pintado. Aguardando aprovação da prefeitura e do Instituto de Artes. 2017

### 1.5 Experiência Natural como objeto artístico

Elaborando um paralelo entre processos de organização do pensamento, a realização de projetos públicos age diretamente no organismo social através da união da arte com atividades políticas e educativas (ROSENTHAL, 2011). Assim como Beuys (1997), que convergiu seus trabalhos para uma atuação social mais direta, uma reflexão dos objetivos do artista acerca de conceitos e liberdade de criação, buscando o caminho para a união da arte com a política que afeta todas as áreas da vida, trazendo novos significados de democracia na formação, desenvolvimento, percepção e educação da consciência humana, sendo possível discutir problemas reais potencializando na criação. O espectador é continuamente sensibilizado para a capacidade própria de desenvolver um potencial interno responsável para construir o mundo em que deseja viver.

Joseph Beuys (2007) achava que instigar o pensamento, a transformação da sociedade e do meio ambiente era a urgência na década de 1960. Agora, passados

60 anos, continua-se buscando essas transformações sociais como forma de sobrevivência. Na obra de Beuys (2007) parece existir a necessidade de trazer de volta algo que foi perdido em outro tempo e que pode subsistir no espaço real das relações, com ações que, muitas vezes, nos parecem simples, podem ser extremamente significativas. Assim como Beuys (2007), que queria sair das antigas concepções artísticas para longe das concepções acadêmicas, a criatividade não está limitada às pessoas que praticam a forma tradicional de arte.

A importância desta rede social desenvolve-se nesse espaço público popular, gerando um espaço informal de decisões tomadas e uma estruturação do que se constrói ou destrói neste mesmo espaço.

Figura 38 - Joseph Beuys plantando carvalho na obra 7000 carvalhos.



Frame do vídeo do youtube experiência do corpo #14: 7000 Oaks, Joseph Beuys do canal Alterquia. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Mw2woMfvNzg>

Também José Luiz Kinceler (2008), artista catarinense, afirmou a necessidade de outro tipo de arte livre de regras de beleza e ditames da estética convencional, propondo arte como acontecimento que produz sentidos na convivência. Para entendermos a noção de descontinuidade da arte, devemos considerar o fato de que recebemos a cultura em movimento. Cabe a nós vivenciarmos esse espaço e tempo da arte, articulando conjuntamente aos nossos desejos e percepções.

## 1.6 Arte Relacional como via estético-política

A biopolítica estabelece uma forma crescente de mecanismos em progressivo poder de controle da vida de maneira mais alargada: “O corpo é uma realidade biopolítica” (FOUCAULT e MARQUET MONTIEL, 1989, p. 80). Michael Hart, precursor do bio paradoxo, onde o maior controle da vida ocorre de forma inversa à proposição de Michel Foucault, integra o sujeito na coletividade. Desta maneira, uma rede de produção, recepção e interpretações de formas sensíveis se opõe ao poder soberano das instituições. Há urgência na instauração de novos circuitos de afetos e em todos os âmbitos, partilhas, intercâmbio e coexistência como parte social do existir.

Essa definição de biopolítica é um campo que permite agregar e associar setores relacionados com a vida, com a natureza e com o conhecimento, cujas mudanças ao longo do tempo foram provocadas pela indústria, pela ciência e pela tecnologia, que hoje disputam o campo político-econômico mundial.

Minha perspectiva da arte está próxima ao conceito de que a arte está sempre tratando da sensibilidade. O Eu só existe a partir do outro e também da experiência pessoal. Toda pessoa, ilustre ou não, é fruto do seu tempo, e também vê o mundo à sua volta como a representação de si mesmo.

A definição de arte relacional é uma modalidade muito debatida no âmbito contemporâneo, onde um grupo ou um público é envolvido de modo colaborativo pelo artista na construção de uma obra (BOURRIAUD, 2009). O artista, em alguns casos, já pré-estabeleceu o projeto e a contribuição do grupo envolvido. No âmbito inter-relacional, o artista escuta as necessidades de um lugar e convida um grupo para participar ativamente na criação de um projeto, que esteja de acordo com seus interesses. São necessários diálogos, encontros e reuniões com seus colaboradores com a finalidade de redesenhar o imaginário coletivo onde se criam laços, durante a realização do projeto para que possam continuar a se desenvolver em redes de relações colaborativas ampliadas.

O trabalho principal se deu por ocupações de espaços abandonados, coletivos de ações produzindo arte, conceito, afeto, trabalhos que se dão em brechas para que possam se criar outras relações, como processos políticos na horizontalidade e na verticalidade, buscando equilíbrio. Geralmente, as formas de

relação seguem um padrão como definido pelos poderes, do mesmo modo na universidade. Quando houve a ocupação, esse padrão se rompeu, permitindo a liberdade de uma nova organização.

As proposições artísticas relacionais suscitam momentos de sociabilidade ou objetos produtores de sociabilidade. O artista enquanto propositor determina as relações que serão estabelecidas com sua obra, produzindo primeiramente relações entre as pessoas e o mundo, por intermédio de objetos estéticos.

Além do caráter relacional intrínseco da obra de arte, as figuras de referência da esfera de relações humanas agora se tornam 'formas' integralmente artísticas: assim, as reuniões, os encontros, as manifestações, os diferentes tipos de colaboração entre as pessoas, os jogos, as festas, os locais de convívio, em suma, todos os modos de contato e de invenção de relações representam hoje objetos estéticos passíveis de análise enquanto tais. (BOURRIAUD, 2009, p. 40).

A emergência de novas formas de pensar e de se relacionar com o outro e com o mundo, se faz presente no mundo contemporâneo e as formas relacionais apontam caminhos fecundos, para uma melhor educação estética e coletiva. Segundo Bourriaud (2009), a arte relacional mantém como alicerce teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social, cujo substrato é “estar junto” e o “encontro” entre observador e obra, elaboração coletiva do sentido.

A essência da prática artística residiria, assim, na invenção de relações entre sujeitos; cada obra de arte particular seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de cada artista comporia um feixe de relações com o mundo, que geraria outras relações, e assim por diante, até o infinito. (BOURRIAUD, 2009, p. 79).

A arte relacional transpassa por uma cultura, uma construção social, frutificando suas memórias. Será possível seguir nosso caminho? Um conjunto de movimentos sociais traz desafios que passam por uma nova ética política.

### **1.7 A Colaboração nas Relações Estéticas**

A noção de arte relacional foi posta em circulação pelo curador Nicolas Bourriaud (2009), nos anos 90, para referir-se à produção de diversos artistas jovens do círculo internacional das artes visuais que focaram seus trabalhos na esfera de “relações humanas”. Prestando atenção especial nas interações que eram geradas pelo público-espectador-participante e dando lugar a prática artística “aparentemente inatingíveis, processuais ou comportamentais” onde prevalece a experiência nos encontros com uma duração aberta “fazendo intercâmbio”.

A qualidade colaborativa não é nova dentro da história da arte, e pode ser apontada desde a idade média nas práticas de arte realizadas pelas escolas de artes e ofícios. Grant H. Kester (2000) aponta para formação de um estereótipo do artista, que sai do anonimato das guildas medievais para se tornar o centro de uma luta pelo seu sucesso e reconhecimento individual, ainda que esta batalha se dê exatamente contra todos os conformismos de todas as diferentes sociedades.

“Este intento, contudo, não pode ser identificado, sem mais, seja ao programa das vanguardas históricas dos anos 1910 ou 1920 como o dadaísmo ou futurismo, seja ao ideário contracultural das vanguardas tardias, como os *happenings* ou a *body art* dos anos 1960 ou 1970. É preciso, assim, distinguir o projeto vanguardista de estetização do real de propostas pós-vanguardistas como a da “arte colaborativa” do “artista relacional”. (FABBRINI, 2016)

A arte sempre foi relacional, em um processo de diálogo em suas múltiplas relações, como um espaço de relações humanas. Em um sentido mais amplo, a estética relacional é representada como um interstício social (pequeno espaço entre as partes de um todo ou entre duas coisas contíguas). Este espaço de relações humanas sugere possibilidades de trocas além da instituída pelo sistema de arte.

“O segredo é não correr atrás das borboletas...É cuidar do jardim para que elas venham até você”. Contemplando essa frase citada por Mário Quintana (1994), podemos observar que em um processo envolvendo arte e vida, aliando estética e política, trazendo convivências praticadas com intervenções da “arte colaborativa” e algumas iniciativas de “arte relacional complexa” conceituados por Bourriaud (2009) e Kinceler (2008) sucessivamente, podemos incluir processos de criação cultural e tecnológica para a transformação do meio natural, desconstruindo configurações

sociais e naturais (CAVALCANTI, 2001) também dentro da própria universidade.

Entramos em comum acordo com o pensamento de Claire Bishop no texto “A virada social” (2008), que diz que tais práticas colaborativas são automaticamente percebidas como gestos artísticos em uma urgência política para uma resistência que estreita o espaço das relações onde a tarefa essencial é fortalecer elos sociais.

## REFERÊNCIAS

- ADJUNTO, Graça. Estudantes mantêm ocupação da Uerj. **Da Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 02 dez. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-12/estudantes-mantem-ocupacao-da-uerj>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (Brasil). **Monografias autorizadas**. Brasília, DF: ANVISA, 2018.
- ANDRADE NETO, Mariano Lopes de et al. **A Bauhaus e o Jardim de Epicuro**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 9., 2010, São Paulo. Anais... São Paulo: [s.n.], [2010].
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto da poesia pau-brasil. Oswald de Andrade, A utopia antropofágica. In: ANDRADE, Oswald de. **Obras completas de Oswald de Andrade**. Rio de Janeiro: Globo, 2001.
- ANDRADE, Oswald de. Piratininga Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha. **Revista de Antropofagia**, ano 1, n. 1, maio 1928.
- ANTUNES, Jair. **A UFFS e a economia solidária: aproximações, distanciamentos e tensionamentos nos bacharelados de agronomia e de administração**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, 2016.
- APPEL, Janice. Dispositivos relacionais em processos coletivos e prática artística em comunidades: hortas comunitárias e canteiros como possibilidade. **Revista Panorama Crítico**, 2010.
- ARAUJO, Andressa. PAISAGISMO da UERJ dá cores ao tradicional tom de cinza do prédio. **Ecos Urbanos Jornalismo Socioambiental**. Publicado em 6 de Junho de 2014. Disponível em: <https://ecosurbanosuerj.wordpress.com/2014/06/06/paisagismo-da-uerj-da-cores-ao-tradicional-tom-de-cinza-dos-predios/>. Acesso em: 08 out. 2020.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco B; ADAMO, Samanta. Reconhecimento olfativo nos transtornos invasivos do desenvolvimento. **Arquivos Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 65, n.4, dec., 2007.
- AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papius, 2012.
- AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió. Editora: Edufal/Unesp, 2010.
- BARRETO, Jorge Menna. **Restauo**. 32ª Bienal de Arte de São Paulo - Incerteza Viva. São Paulo, 2016.
- BATAILLE, Georges. **"O erotismo"**. São Paulo: Arx, 2004.

BEUYS, Eva; WENZEL, Jessyca. **Joseph Beuys – Block Beuys**. Schirmer; Mosel: München, 1997.

BEUYS, Joseph. **What is art?:** conversation with Joseph Beuys. [S./]: Clairview Books, 2007.

BISHOP, Claire. Antagonismo e Estética Relacional. **Revista Tatuí**, n. 12, jan. 2012.

BISHOP, Claire. A virada social: colaboração e seus desgostos. **Revista Concinnitas**, v. 1, n. 12, p. 144-155, 2008.

BOFF, Leonardo. **A última trincheira:** temos que mudar—economia e ecologia. Alternativas à crise: por uma economia social e ecologicamente responsável. São Paulo: Cortez, 2009.

BOPP, Raul. **Movimentos modernistas no Brasil:** 1922-1928. [S./]: Editora José Olympio, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Às regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. Decreto nº 4.074, de 4 de janeiro de 2002. **Regulamenta a Lei no 7.802, de 11 de julho de 1989, que dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, [...] e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 5, p. 1-12, 8 jan. 2002.

BURITY, Valéria et al. **Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional**. Brasília: Abrandh, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 3. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2000.

CASTRO, Paulo RC *et al.* **Manual de fisiologia vegetal**. São Paulo: Editora Agronômica Ceres, 2005.

CAVALCANTI, Clóvis. **Meio Ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez editora, 2001.

CHONCHOL, Jacques. A soberania alimentar. **Estudos avançados**, v. 19, p. 33-48, 2005.

CHOPRA, Deepak. **A cura quântica**. Editora Best Seller, São Paulo, 1989.

DAWSEY, John C. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 7, n. 2, 2006.

DE CARVALHO, Marly Monteiro; JUNIOR, Roque Rabechini. **Construindo competências para gerenciar projetos:** teoria e casos. Atlas, 2008.

DE OLIVEIRA, Luana Hauptman Cardoso; CORRÊA, Amélia Siegel. A arte relacional e a participação do público: aproximações poéticas do período de 1960-70 com a 27ª Bienal de São Paulo. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. [S.l.: s.n.], 1995.v. 1.

EMBRAPA. **Agroecologia beneficia consumidores, agricultores e meio ambiente**, 2014. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2075161/agroecologia-beneficia-consumidores-agricultores-e-meio-ambiente>. Acesso em: 16 jun. 2021.

EMBRAPA. **Um quintal de possibilidades**, 2019. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/40811762/um-quintal-de-possibilidades---projeto-transforma-espacos-ociosos-em-verdadeiras-hortas-urbanas-e-estimula-cultivo-organico-em-roraima>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. Estética e transgressão: da arte radical à arte radicante. **Artelogie, Paris**, v. 8, 2016.

FASUBRA. **A crise no estado do Rio de Janeiro e o desmonte da Uerj**, 2017. Disponível em: <https://fasubra.org.br/geral/crise-uerj/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FOSTER, Hal. **The artist as ethnographer?**. The traffic in culture: refiguring art and anthropology. [S.l.: s.n.], 1995.

FOUCAULT, Michel; MARQUET MONTIEL, Antonio. **El poder: cuatro conferencias**. Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco, División de Ciencias Sociales y Humanidades, Departamento de Humanidades, 1989.

FRADE, Isabela. O Lugar da Arte - O paradigma multicultural frente ao primitivismo. **Revista Cultura e Arte Popular**, v.1 n. 1, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GALAN, Marcius. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019.

GANZ, Louise e SILVA, Breno. **Lotes Vagos: ocupações experimentais**. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2009.

GANZ, Louise. Lotes vagos: Ação Coletiva de Ocupação Urbana Experimental, **Revista Ars**, São Paulo, v.6, n. 11, 2008.

GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. Trad. Jefferson Luiz Camargo; adapt. e revisão Carla Oliveira, Rui Lopes. Lisboa: Orfeu Negro, 2007. Obra original publicada em 1988 e revista em 2001.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA.

**Ambiente, trabalho e câncer:** aspectos epidemiológicos, toxicológicos e regulatórios. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, 2021.

KESTER, Grant H. Conversation pieces: collaboration and artistic identity. *In: UNLIMITED Partnerships: Collaboration in Contemporary Art*, CEPA Gallery. Buffalo; New York: [s.n.], 2000.

KINCELER, José Luiz. Vinho Saber. ANPAP 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas. **Revista Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais**, Florianópolis, 2008.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri J. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil:** guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. [S./]: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

KLAASSEN, C. D. (ed.). **Casarett and Doull's toxicology:** the basic science of poisons. 8th ed. New York: McGraw-Hill Education, 2013.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2019.

KRAUSS, Rosalind. A Escultura no campo ampliado. **Revista Arte e Ensaios**, n. 17, 2012.

KWON, Miwon. One place after another: notes on site specificity. **October**, n. 80, p. 85-110, Spring 1997.

LAGNADO, Lisette; PEDROSA, Adriano (ed.). **27ª Bienal de São Paulo:** como viver junto. São Paulo: Fundação Bienal, 2006.

LAVOISIER, Antoine Laurent; KERR, Robert. **Elements of chemistry in a new systematic order containing all the modern discoveries.** [S./]: Library of Alexandria, 1806.

LEFEBVRE, Henri; NICHOLSON-SMITH, Donald. **The production of space.** Oxford: Blackwell, 1991.

LEFF, Enrique; VIEIRA, Paulo Freire. **Epistemologia ambiental.** São Paulo: Cortez, 2001.

LYNCH, Kevin. **A Theory of good city form.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 1981.

MALUF, Renato S.; MENEZES, Francisco; MARQUES, Susana Bleil. **Caderno "segurança alimentar"**. Paris: Fhp, 2000.

MAMMI, Lorenzo. **O que resta:** arte e crítica de arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARX, R. Burle. **Arte & Paisagem:** conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MENDONÇA, Cinthia. Estado das coisas. Agir no corpo, agir na arte da performance. **Arte e ensaios**, v. 2, n. 31, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. C. Moura, Trad. São Paulo: Martins Fontes. 1994. (Texto original publicado em 1945)

NAGIB, Gustavo. **Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OBRIST, Hans Ulrich. **Arte agora! Em 5 entrevista**. Tradução: Marcelo Rezende. São Paulo: Alameda, 2006.

OITICICA, Hélio. **O museu é o mundo**. Beco do Azougue, Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, Cida. Na UFFS, estudantes são estimulados a criar cooperativas agroecológicas. **Brasil de Fato**, 02 out. 2017. Disponível: <https://www.brasildefato.com.br/2017/10/02/na-uffs-estudantes-sao-estimulados-a-criar-cooperativas-agroecologicas>. Acesso em: 29 maio 2021.

OS 8 R'S DA SUSTENTABILIDADE. **Pensamento Verde**, 2019. Disponível em: <https://www.pensamentoverde.com.br/im-green/os-8-rs-da-sustentabilidade/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

PETRY, C. Rural origins in creations of resident landscapers. *In*: INTERNATIONAL HORTICULTURAL CONGRESS ON HORTICULTURE: SUSTAINING LIVES, LIVELIHOODS AND LANDSCAPES, 29., 2014. **Anais...[S.l.: s.n.]**, 2014. v. 1108, p. 131-138.

PINTO, Júlia Junqueira Ribeiro. Espaços invisíveis: arte e arquitetura na cidade contemporânea. **Cadernos de Clio**, v.6, n. 2, 2015

QUINTANA, Mário. **Nova antologia poética**. Globo Livros, 1994.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível—arte e política**. São Paulo: EXO Experimental, 2005.

REZNIK, Luís; PINTO, Carlos Eduardo; SILVA, Camila Borges; GONÇALVES, Marcia de Almeida; FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. **70 anos UERJ: 1950-2019**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.

RODRIGUEZ-GIL, Gloria. **El poderoso sentido del olfato**. [S.l.]: Servicios de California para la, 2004.

ROSENTHAL, Dália. Joseph Beuys: o elemento material como agente social. **ARS**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 110-133, 2011.

SÁ, Rui. Agrogênese Neolítica e Principais Transformações Agrícolas ao longo da História até a Revolução Francesa. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE

ESTUDIANTES DE ANTROPOLOGIA, 9. 2001, Coimbra. **Anais...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2001.

SALGADO, Jocelim. **Alimentos funcionais**. [S.l.]: Oficina de Textos, 2017.

SAVOLDI, Andréia; CUNHA, Luiz Alexandre. Uma abordagem sobre a agricultura familiar, PRONAF e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. **Revista Geografar**, 2010.

SCHECHNER, Richard. **Performance e antropologia de Richard Schechner**. [S.l.]: Mauad Editora, 2012.

SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. O que pode a Performance na Educação? Uma entrevista com Richard Schechner. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, 2010.

SERPA, Angelo. Dimensões de Performance de projetos paisagísticos contemporâneos na Orla Marítima de Salvador, Bahia. **Paisagem e Ambiente**, n. 13, p. 29-48, 2000.

SERRA, Richard; ESPADA, Heloisa. **Escritos e entrevistas, 1967-2013**. [S.l.] IMS, 2014.

SILVA, Monique Das Neves. **Manga Rosa UERJ**. Rio de Janeiro. (Trabalho Final de Graduação em Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

FRADE, Isabela; SILVA, Monique das Neves. **Agroexperimentais Educativos# 1: O Projeto Jardim Antropofágico, linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 3**. [S.l.]: Editora Atena, 2020. p. 1-388–416.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

THUSWOHL, Maurício. **Comunidade acadêmica da Uerj teme o desmonte definitivo da universidade**, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/09/comunidade-academica-da-uerj-teme-o-desmonte-definitivo-da-universidade>. Acesso em: 16 jun. 2021.

TIRAVANIJA, Rirkrit; RAVENAL, John B.; TEMKIN, Ann. Rirkrit Tiravanija 1998: **On the Road with Jiew, Jeaw, Jieb, Sri, and Moo**. Philadelphia: Philadelphia Museum of Art, 1998.

TURNER, Victor Witter; SCHECHNER, Richard. **The anthropology of performance**. [S.l.: s.n.], 1988.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom**. [S.l.]: J. Murray, 1871.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (Brasil). **UERJ segue na luta contra o desmonte do Estado**. Disponível em: <https://www.une.org.br/opinioao/uerj-segue-na-luta-contra-o-desmonte-do-estado/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

VELHO, Gilberto; CASTRO, Eduardo Viveiros de. O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato**, ano, v. 1, 1978.

VOGLER, Alexandre; MOREIRA, Maria. **FORMAÇÃO 2016**. Instituto de Artes UERJ. Mostra dos Formandos do Curso de Artes Visuais. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro Cultural de Artes Hélio Oiticica, 2017.

WATERS, Alice; DUANE, Daniel. **Edible schoolyard**. [S.l.]: Chronicle Books, 2008.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro: Diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea**. Tese (Doutorado) – FAUUSP, São Paulo, 2012.